



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Claudia de Freitas Lopes Costa

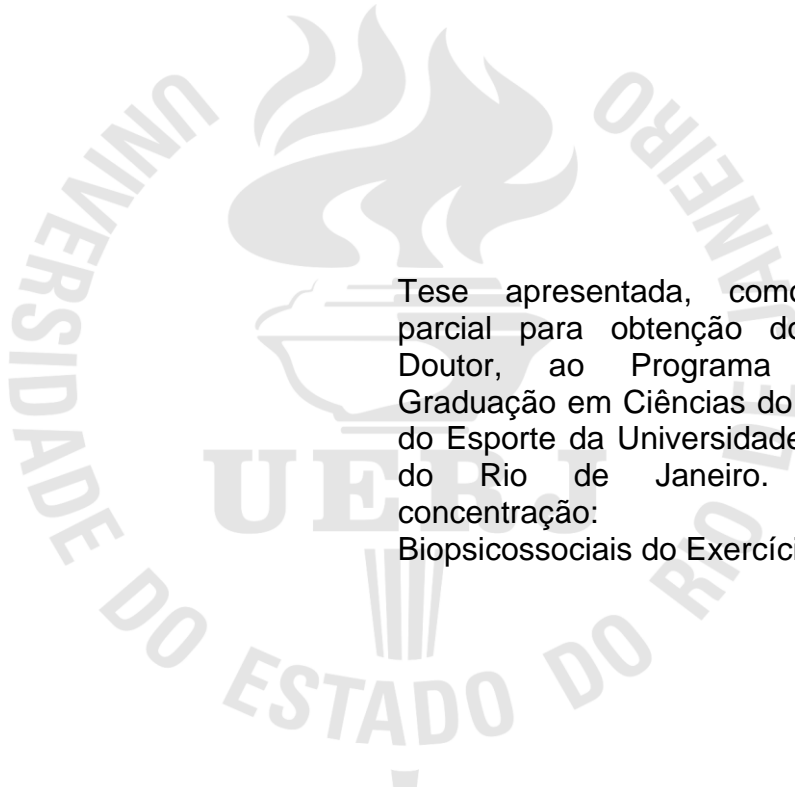
**Extensão universitária: caminhos para o desenvolvimento de ações
emancipadoras nas comunidades em vulnerabilidade social**

Rio de Janeiro

2015

Claudia de Freitas Lopes Costa

Extensão universitária: caminhos para o desenvolvimento de ações emancipadoras nas comunidades em vulnerabilidade social



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Josué Votre.

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C837 Costa, Claudia de Freitas Lopes.
Extensão universitária: caminhos para o desenvolvimento de
ações emancipadoras nas comunidades em vulnerabilidade social
/ Claudia de Freitas Lopes Costa. – 2015.
88 f.

Orientador: Sebastião Josué Votre.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Esportes – Aspectos sociais – Teses. 2. Desenvolvimento
social – Teses. 3. Jovens – Inclusão social – Rio de Janeiro (RJ)
– Teses. 4. Extensão universitária – Aspectos sociais – Teses. 5.
Comunidade e universidade – Teses. 6. Futebol – Aspectos sociais
– Teses. 7. Representação social – Teses. I. Votre, Sebastião
Josué. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 796:301

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Claudia de Freitas Lopes Costa

**Extensão universitária: caminhos para o desenvolvimento de ações
emancipadoras nas comunidades em vulnerabilidade social**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Aprovação: em 10 de agosto de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sebastião Josué Votre (Orientador)
Universidade Gama Filho

Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva
Centro Universitário Augusto Motta

Prof.^a Dra. Giannina do Espirito Santo
Centro Universitário Augusto Motta

Prof. Dr. Jorge França Mota
Centro Universitário Augusto Motta

Prof.^a Dra. Monique Ribeiro de Assis
Universidade Gama Filho

Rio de Janeiro
2015

RESUMO

COSTA, Claudia de Freitas Lopes. **Extensão universitária: caminhos para o desenvolvimento de ações emancipadoras nas comunidades em vulnerabilidade social.** 2013. 88 f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Uma das principais discussões na dimensão social perpassa sobre o tema emancipação social, o que na concepção de Santos (2007, p.17) “é um conceito absolutamente central na modernidade”. Estudos que venham revelar as evidências emancipadoras por meio das práticas de projetos sociais são relevantes socialmente e representam alternativas de intervenção social. A tese central é a de que os projetos de intervenção social em áreas de vulnerabilidade social propiciam a emancipação dos atores locais. Este estudo se justifica pela necessidade de compreender como são construídas essas redes de intervenção social que atuam em comunidades pobres. Os objetivos do estudo foram: i) verificar as possibilidades de emancipação que se associam às políticas e práticas de extensão universitária; ii) identificar as representações de mulheres sobre o tempo que destinam a esperar os filhos que participam de atividades em uma Vila Olímpica; iii) analisar os objetivos e ações que mobilizaram a Central Única das Favelas (CUFA), com atenção na fundação e sua trajetória, do *Street Basket das Favelas*, em 2005, à competição *Taça das Favelas*, em 2011; iv) identificar o conteúdo das representações sociais (RS) acerca da participação de jovens adolescentes na Taça das Favelas. Para a realização dos estudos, adotou-se a abordagem qualitativa. No primeiro estudo utilizou-se a metodologia da análise documental para seleção dos documentos e análise de conteúdo de Bardin (2009) para identificação das categorias a serem analisadas. Definimos um marco referencial básico a partir das reflexões de Boaventura de Sousa Santos e Paulo Freire para conceituar a extensão e emancipação social. Os tópicos contemplados na análise se desdobraram em três questões: qual a concepção de extensão universitária está presente nos documentos institucionais; de que forma a universidade promove a articulação com o território; como se dá a prática da extensão universitária na UNISUAM. Os resultados da análise evidenciaram processos emancipadores nas práticas extensionistas. O segundo estudo é de natureza etnográfica, com aportes da etnometodologia e da pesquisa-ação colaborativa. O grupo pesquisado se caracteriza por mulheres que frequentam a Vila Olímpica do Complexo do Alemão. Os resultados em relação à representação das mulheres sobre o tempo que esperam os filhos revelaram que é um tempo para a aprendizagem. O terceiro estudo é sobre o papel da CUFA na cultura *hip hop* no basquetebol, no Rio de Janeiro e na Taça das Favelas, uma competição de futebol de campo entre 80 seleções, com jovens moradores das favelas. O estudo seguinte é sobre representações sociais acerca da participação de jovens adolescentes na Taça das Favelas. Os dados provêm de entrevista semiestruturada com 11 jogadores da Taça das Favelas.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Emancipação. Comunidades. Jovens Adolescentes. Futebol.

ABSTRACT

COSTA, Claudia de Freitas Lopes. . **University extension** : pathways for developing emancipatory actions in communities on social vulnerability. 2013. 88 f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

One of the main discussions in the social dimension permeates social emancipation on the subject, In the definition of Santos (2007, p.17) "is an absolutely central concept in modernity." Studies which reveals emancipatory evidences practices through social projects are socially relevant and represent a social alternative intervention. The central thesis is that the projects of social intervention in areas of social vulnerability foster the empowerment of local actors. This study is justified by the need to understand how these networks are built for social intervention that operate in poor communities. The study objectives were: i) to verify the possibilities of emancipation which are related to policies and practices of university extension , ii) identify representations of women over time designed to expect the children to participate in activities in an Olympic Village , iii) analyze the goals and actions that mobilized the Central Unica das Favelas (CUFA), with attention to the foundation and its trajectory, the Street Basket Slums in 2005, the Slums Cup competition in 2011, iv) identify the content of the socials representations (RS) on the participation of young adolescents in the Slums Cup. For such studies, we adopted a qualitative approach. In the first study we used the methodology of document analysis for the selection of documents and content analysis of Bardin (2009) for identifying the categories to be analyzed. We define a basic reference point from the reflections of Boaventura de Sousa Santos and Paulo Freire to conceptualize the extent and social emancipation. The topics covered in the analysis unfolded in three questions: what conception of university extension is present in institutional documents, how the university promotes the articulation with the territory, how is the practice of university extension in UNISUAM . The analysis results showed emancipatory processes in extension practices. The second study is an ethnographic nature, with contributions of ethnomethodology and collaborative action research. The group studied is characterized by women attending the Olympic Village of the Complexo do Alemão . The results concerning the representation of women over time expecting the children revealed that it is a time for learning. The third study is on the role of CUFA in hip hop culture in basketball, in Rio de Janeiro and in the Slums Cup , a soccer field competition with 80 teams of young slum dwellers . The following study is about social representations concerning the participation of young adolescents in the Slums Cup. The data comes from semistructured interviews with 11 players Slums Cup.

Keywords: University Extension. Emancipation. Communities. Young Teens. Football.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	7
1	ARTIGO A: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA PROPOSTA DE AÇÃO EMANCIPADORA	9
1.1	Introdução do Artigo A	9
1.2	Análise documental	11
1.3	Um panorama sobre extensão universitária	12
1.4	Análise dos documentos	15
1.4.1	<u>A articulação da universidade com o território</u>	16
1.4.2	<u>A prática da extensão universitária na UNISUAM</u>	18
1.5	Discutindo os dados	24
1.6	Considerações finais do Artigo A.	25
1.7	Referências do Artigo A	26
2	ARTIGO B: MULHERES QUE ESPERAM: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA VILA OLÍMPICA DO COMPLEXO DO ALEMÃO .	30
2.1	Introdução do Artigo B	30
2.2	Orientação metodológica	31
2.3	A história do Complexo do Alemão	33
2.4	Incursão no campo de pesquisa	34
2.4.1	<u>Representações no discurso das mulheres que esperam</u>	39
2.4.2	<u>O Projeto Mulher: uma conquista das mulheres que esperam</u>	41
2.5	Considerações finais do Artigo 2	42
2.6	Referências do Artigo 2	42
3	ARTIGO C: ESTÉTICA, COMUNIDADE E ESPORTE: AS AÇÕES DA CUFA COM O BASQUETE DE RUA E O FUTEBOL	44
3.1	Introdução do Artigo C	44
3.2	Gênero, racismo e linguagem corporal	44
3.3	Basquetebol e cultura <i>hip hop</i>	47
3.4	Cufa: do basquete de rua ao futebol	48
3.5	Conclusão do Artigo C	52
3.6	Referências do Artigo C	53

4	ARTIGO D: JOVENS ADOLESCENTES ATLETAS NA TAÇA DAS FAVELAS: NO CAMINHO DA EMANCIPAÇÃO	54
4.1	Introdução do Artigo D	54
4.2	Orientação metodológica	57
4.3	A Taça das Favelas	58
4.4	A etnografia no campo de pesquisa	60
4.4.1	<u>Primeiro diário de campo, realizado no encerramento da Taça das Favelas, sábado, 11 de fevereiro de 2012</u>	61
4.4.2	<u>Segundo diário de campo, realizado na entrega de medalhas pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, para as equipes vencedoras da Taça das Favelas em 2012</u>	63
4.4.3	<u>Representações no discurso dos jovens adolescentes da Taça das Favelas</u>	64
4.5	Considerações finais do Artigo D	67
4.6	Referências do Artigo D	68
	CONCLUSÃO GERAL	71
	REFERÊNCIAS	73
	APÊNDICE A – Termo de assentimento livre e esclarecido utilizado no artigo do capítulo 4	79
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os atletas da taça das favelas, utilizado no artigo do capítulo 4	80
	APÊNDICE C – Roteiro diário de campo utilizado no artigo do capítulo 4	81
	ANEXO A – Transcrição da entrevista utilizada no artigo do capítulo 4	82

INTRODUÇÃO

O argumento deste estudo é apresentar evidências sobre os processos emancipadores que emergem das práticas de projetos sociais em áreas de vulnerabilidade social.

Busca-se apresentar diversas ações realizadas em favelas, sob a perspectiva do olhar acadêmico, e refletir sobre o quanto estas práticas têm proporcionado espaços emancipadores para os atores envolvidos.

A tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro deles, Extensão Universitária: Uma Proposta de Ação Emancipadora, consiste em evidenciar os processos de emancipação que se associam às políticas e práticas de extensão universitária. Por meio da análise documental, apresenta-se o contexto da inserção e consolidação da extensão universitária, ao lado do ensino e da pesquisa. Definimos um marco referencial, com base nas reflexões de Boaventura de Sousa Santos e Paulo Freire, para conceituar a extensão e emancipação. Procedemos, então, à análise dos documentos da Instituição de Ensino que sustentam o projeto de extensão. Os tópicos contemplados na análise se desdobram em três questões: qual a concepção de extensão universitária que está presente nos documentos institucionais; De que forma a universidade promove a articulação com o território; Como se dá a prática da extensão universitária na Instituição analisada. A análise desses tópicos, nos documentos, segue a tradição de Análise de Conteúdo de Bardin.

O segundo capítulo, Mulheres Que Esperam: Um Estudo Etnográfico na Vila Olímpica do Complexo do Alemão, teve como objetivo identificar representações de mulheres sobre o tempo que destinam a esperar os filhos que participam de atividades em uma Vila Olímpica. O grupo pesquisado se caracteriza por mulheres que frequentam a Vila Olímpica do Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro. O estudo tem abordagem qualitativa, com aportes da etnometodologia e da pesquisa-ação colaborativa. O estudo desenvolve reflexões sobre o processo de pacificação em comunidades, as atividades físico-esportivas em Vilas Olímpicas e os anseios das mulheres "de dentro" e "de fora" dessas comunidades. A representação das mulheres sobre o tempo de espera indica que é um tempo para a

aprendizagem. Um tempo para algo que lhes enriqueça no âmbito do conhecimento mais instrumental; um tempo do representar, mas também do fazer social.

O terceiro capítulo focaliza os objetivos e ações que mobilizaram a Central Única das Favelas (CUFA), com atenção na fundação e sua trajetória, do *Street Basket* das Favelas, em 2005, à competição Taça das Favelas, em 2011. O estudo enfatiza a cultura *hip hop* no basquetebol, e a importância da CUFA, instituição nascida na periferia do Rio de Janeiro que tem no *hip hop* sua principal forma de expressão. Não obstante, em 2011 a CUFA lançou a Taça das Favelas, uma competição de futebol de campo entre 80 seleções, com jovens moradores das favelas do Rio de Janeiro, com o objetivo de integrar esses jovens por meio do esporte e descobrir talentos para a prática, considerando que os grandes gênios do futebol mundial vêm exatamente desses territórios.

O capítulo final tem como objetivo identificar o conteúdo das representações sociais (RS) acerca da participação de jovens adolescentes na Taça das Favelas sob a ótica dos próprios jovens adolescentes. A partir da compreensão das representações sociais dos jovens adolescentes participantes na Taça das Favelas, formulam-se estratégias de emancipação para crianças e adolescentes envolvidos em atividades físico-desportivas.

1 ARTIGO A: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA PROPOSTA DE AÇÃO EMANCIPADORA?

RESUMO

O estudo tem por objetivo verificar as possibilidades de emancipação que se associam às políticas e práticas de extensão universitária. Por meio da análise documental, apresenta-se o contexto da inserção e consolidação da extensão universitária, ao lado do ensino e da pesquisa. Definimos um marco referencial, com base nas reflexões de Boaventura de Sousa Santos e Paulo Freire, para conceituar a extensão e emancipação. Procedemos, então, à análise dos documentos da Instituição de Ensino que sustentam o projeto de extensão. Os tópicos contemplados na análise se desdobram em três questões: qual a concepção de extensão universitária que está presente nos documentos institucionais; De que forma a universidade promove a articulação com o território; Como se dá a prática da extensão universitária na Instituição analisada. A análise desses tópicos, nos documentos, segue a tradição de Análise de Conteúdo de Bardin.

Palavras-chave: Universidade; Comunidade; Extensão universitária; Emancipação.

1.1 Introdução do Artigo A

O texto está organizado em duas partes: a primeira descreve um panorama sobre a extensão universitária. A segunda, com base na análise documental, apresenta a concepção de extensão universitária da Instituição analisada, a articulação da universidade com o território e a prática da extensão universitária.

No âmbito da Universidade, a Extensão Universitária é reconhecida por objetivar a socialização do conhecimento, por meio de atividades que permitam a alunos e professores um espaço de formação a partir do diálogo com a sociedade. Segundo Santos (2007, p. 46), no contexto das universidades é preciso haver novos modos de produção de conhecimento, e que estes exigem outros espaços. Na concepção do autor, a extensão universitária faz com que a universidade traga novos conhecimentos que estão do lado de fora, e esta ação gera o compartilhamento de saberes.

Para Santos (2006, p. 30), “as atividades de extensão devem ter como objetivo prioritário, [...] o apoio solidário na resolução de problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz aos grupos excluídos e discriminados”.

A universidade deve estabelecer um diálogo contínuo com os diversos atores sociais, e nessa dimensão nos coadunamos à concepção de Freire (2013a, p.132-133) de que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo [...] e o sujeito que se abre para o mundo e aos outros, inaugura, com o seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade”.

De acordo com Santos (2007, p. 17-18), “[...] pela primeira vez a sociedade cria uma tensão entre experiências correntes do povo, que às vezes são ruins e desiguais, e a expectativa de uma vida melhor”. O autor adverte que “[...] essa discrepância entre experiências e expectativas é fundamental para entender a emancipação social na vida moderna.” Segundo o autor, essa discrepância pode ser verificada a partir de experiências de pessoas que nasciam pobres e morriam pobres, e hoje pessoas nascem em uma família de iletrados e pode vir a ser um médico.

Nesse sentido, acreditamos que a tensão entre experiências e expectativas favorece um espaço para o inconformismo, o que segundo Freire (2001, p. 36), pode ser verificado por meio de ações que permitam que as pessoas sejam estimuladas ao questionamento sobre a percepção fatalista das circunstâncias nas quais se encontram, e estes questionamentos levam-nas à emancipação.

Essa crença pode ser confirmada por meio do discurso de Santos (2007, p. 54-55), de que para educação, é fundamental a crença de que:

[...] são as práticas emancipatórias reais, desenvolvidas em situações e circunstâncias concretas, imaginadas e postas em prática de modo criativo [...] por sujeitos reais que poderão contribuir para a realização da utopia da emancipação.

A partir dessa dimensão, compreendemos que no contexto da universidade é possível identificarmos algumas contribuições que nos façam percorrer caminhos emancipadores.

A Extensão Universitária do Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM foi o locus de pesquisa desse estudo. A instituição está localizada há mais de 70 anos em Bonsucesso, e tem desenvolvido projetos extensionistas nas áreas da saúde, educação, cultura, empreendedorismo e qualificação profissional, visando ao atendimento às favelas dos complexos do Alemão, da Maré, e de Manguinhos e da favela do Jacarezinho.

De acordo como o Plano de Desenvolvimento Institucional (MOTTA NETTO et al., 2013), o Centro Universitário Augusto Motta destaca-se, desde a sua fundação, no final da década de 1960, como uma Instituição com vocação extensionista, que tem como princípio a articulação ensino/comunidade/desenvolvimento local. O que favorece a formação de profissionais conhecedores de suas áreas de atuação, com perfil crítico, e que atuem como agentes transformadores da sociedade.

Partindo das premissas de que a universidade tem uma função social e de que a extensão universitária promove a interlocução entre sociedade e universidade, e que por meio dessa interlocução possibilita a realização de projetos que promovem emancipação de grupos que vivem em contextos de desigualdade social, identificamos algumas questões que deveriam ser levantadas.

Questionamos:

- a) Qual a concepção de extensão universitária que está presente nos documentos institucionais?
- b) De que forma a universidade promove a articulação com o território?
- c) Como se dá a prática da extensão universitária na UNISUAM?

1.2 Análise documental

O estudo resulta da análise documental. Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 2), o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. Os autores destacam que a riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas. A seleção dos documentos ocorreu a partir do corte temporal entre 2010 e 2012. Os documentos utilizados foram os relatórios sociais de 2010, 2011 e 2012, relatórios de projetos, 2010, 2011 e 2012 e o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2013, disponibilizados pela Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão da UNISUAM.

Para a análise dos documentos, contamos com as orientações da análise de conteúdo propostas por Bardin (2009). Com base na proposta de Bardin (2009) selecionamos os seguintes temas: i) concepção de extensão; ii) articulação da universidade com o território; iii) prática da extensão universitária.

Durante o processo de análise documental, organizamos algumas etapas que Bardin (2009) identifica como: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. O primeiro passo foi selecionar os documentos disponibilizados pela universidade, como: Relatórios de Pesquisa e Extensão, Relatório Social e o Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI. A partir da seleção, iniciamos o processo de identificação dos conteúdos significativos para o estudo, que propiciou a organização de categorias que foram transformadas em questões norteadoras do estudo. Com bases nessas questões, produzimos as interpretações dos dados.

Para analisar os processos de emancipação que emergem das políticas e práticas de extensão universitária, utilizamos como o eixo teórico central a discussão sobre emancipação com base na concepção de Paulo Freire e de Boaventura de Sousa Santos.

1.3 Um panorama sobre extensão universitária

A extensão universitária, nos moldes atuais, segundo Nogueira (2005, p. 16-18), “[...] surge na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, vinculada a uma nova ideia de educação continuada, destinada não apenas às camadas menos favorecidas, mas à população adulta em geral, que não se encontrava na universidade.” O autor relata que a primeira referência legal à extensão universitária é encontrada no estatuto das Universidades Brasileiras, Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, do Ministro Francisco Campos. Diz o texto:

A extensão universitária se destina a dilatar os benefícios da atmosfera universitária àqueles que não se encontram diretamente associados à vida da Universidade, dando assim maior amplitude e mais larga ressonância às atividades universitária, que concorrerão de modo eficaz, para elevar o nível de cultura geral do povo.

De acordo com Marcos Pereira dos Santos (2010, p. 11), a extensão universitária ganha repercussão no Brasil a partir do Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, da Constituição Federal Brasileira. Segundo o autor, este decreto referenciou a extensão como instância realizadora de cursos, conferências e outras

atividades educativas no espaço acadêmico, o que propiciou uma relação dinâmica e processual entre o fazer universitário e os interesses locais e regionais do entorno da universidade, refletindo diretamente nas políticas de expansão e privatização do Ensino Superior.

Para o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), que definiu a Política Nacional de Extensão Universitária.

A prática de atividades de Extensão Universitária, no Brasil, remonta ao início do século XX, praticamente coincidindo com a criação do ensino superior. Suas primeiras manifestações foram os cursos e conferências realizados na antiga Universidade de São Paulo, em 1911, e as prestações de serviço da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, desenvolvidos na década de 1920. No primeiro caso, a influência veio da Inglaterra; no segundo, dos Estados Unidos. (FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012, p. 7).

Convém destacar que a trajetória histórica da Extensão Universitária no Brasil foi marcada pela criação, em 1974, da Coordenação da Extensão Universitária (CODAE), que teve como primeira iniciativa criar o Plano de Trabalho de Extensão Universitária, conforme consta nos documentos do FORPROEXP:

O referido plano definiu a Extensão como ação institucional voltada para o atendimento das organizações e populações, com um sentido de retroalimentação e troca de saberes acadêmico e popular (FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012, p. 8).

Outro momento marcante ocorreu em novembro de 1987, quando se deu o reconhecimento legal das atividades extensionistas, e a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), que são marcos importantes, na medida em que propiciaram à comunidade acadêmica as condições para redefinir a Extensão Universitária. Paula (2013, p. 20) afirma que

a criação desse Fórum foi decisiva na construção da política de extensão que vigora hoje, seja no referente à conceptualização da extensão universitária, seja na construção de instrumentos de avaliação e

acompanhamento de ações de extensão, seja na efetiva institucionalização da extensão como dimensão indescartável da atuação universitária.

Sousa e Faria (2001, p. 118), salientam que durante o primeiro encontro do FORPROEX, a Extensão foi definida como:

[...] processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade [...] e atua como instrumentalizadora deste processo dialético de teoria e prática, e com base na interdisciplinaridade favorece a visão integrada do social.

Um fato importante para a consolidação do papel da Extensão universitária ocorreu em 2004 ressalta Ribeiro (2011), quando o Ministério da Educação instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior/SINAES - avaliação institucional de curso e do estudante, pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, a qual orienta que a extensão deve pautar-se nos valores educativos, primando por sua integração com o ensino e a pesquisa e reforçando a necessidade da transferência de conhecimentos produzidos nas IES e sua interferência no desenvolvimento regional e nacional. Neste cenário, a extensão universitária é considerada um fio condutor que liga a universidade à sociedade, firmando o compromisso de superar problemas sociais.

Na concepção de Nogueira (2005, p. 95), as evidências de avanços no contexto da extensão universitária são justificadas pela atuação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão. Para a autora, as universidades têm se empenhado em organizar ações extensionistas, priorizando programas que integram projetos e atividades de extensão de forma articulada.

Nas últimas décadas, segundo Rocha (2007, p. 27), a extensão universitária tem evoluído [...], no entanto, a referida autora salienta que

a extensão só se concretizará, enquanto prática acadêmica, quando perceber que a intervenção na realidade não leva a Universidade a substituir as funções do Estado, mas produzir saberes científicos ou tecnológicos e torná-los acessíveis à população, para que a academia possa dialogar com a sua comunidade.

A partir desse panorama, identificamos que os princípios que norteiam as atividades e projetos da extensão universitária estão alicerçados na articulação com a sociedade. Entretanto, a efetividade desse processo depende da forma em que as relações com os atores envolvidos forem estabelecidas. Essas ações devem oportunizar a construção coletiva das propostas de intervenção. É fundamental a participação de alunos, professores e comunidades, para que se identifiquem as demandas, e com base nessas informações, se construam propostas que possam gerar impacto social.

1.4 Análise dos documentos

Segundo o PDI (MOTTA NETTO et al.,2013), o conhecimento produzido no campo extensionista, tem como referência o ensino e a pesquisa, e a relevância da extensão universitária está na possibilidade de articulação do conhecimento produzido na universidade com a sociedade. Conforme o documento, esta articulação possibilita a geração de conhecimentos mais contextualizados, oportunizando a formação de alunos e professores críticos, reflexivos.

Ao descrever a relação conhecimento/emancipação, Santos (2007) destaca que a extensão universitária integra de forma plena a formação do aluno, levando-o por meio da sua prática à emancipação.

No percurso da análise dos documentos, identificamos, por meio dos textos que definem as políticas de extensão, o destaque para projetos com o foco no desenvolvimento local. Conforme o PDI (MOTTA NETTO et al., 2013, p. 52) a extensão deve:

[...] empreender ações que promovam o desenvolvimento das comunidades acadêmica e local, fundamentadas na aplicação do conhecimento, na análise dos resultados e na relação recíproca entre os diferentes atores sociais, considerando a responsabilidade social, a ética e o respeito à pluralidade de ideias.

Santos (2007) adverte que para intervir é necessário conhecer a realidade regional. Verificamos, por meio dos documentos, que a UNISUAM condiciona a aprovação dos seus projetos ao conhecimento , por parte dos proponentes, das

demandas locais. Para Santos (2007), a racionalidade se baseia na ideia da transformação do real, mas não na compreensão do real; segundo o autor, a transformação sem compreensão está levando a situações de desastres.

Nessa perspectiva, o conhecimento da realidade permite que a instituição de ensino desenvolva ações de intervenção social, a partir de uma relação dialógica entre a universidade e a comunidade, propiciando o planejamento de ações para o território.

Outro aspecto levantado foi a trajetória da instituição no ensino superior. Verificamos que a concepção e os valores que norteiam suas ações estão relacionados com a sua trajetória no âmbito da educação. De acordo com o PDI:

A UNISUAM está localizada em Bonsucesso, subúrbio da cidade (Zona da Leopoldina), Campo Grande, Bangu e Jacarepaguá (Zona Oeste), no Município do Rio de Janeiro. Seu trabalho começou em 1930, com a fundação do Colégio Luso Carioca. Mais adiante, na década de 1960, surgiram os cursos de graduação, cujo propósito se estende até os dias de hoje, por meio do ensino, da extensão universitária e da pesquisa científica. Dentro do princípio da indissociabilidade, as atividades de ensino, pesquisa e extensão promovem a aplicação do conhecimento e da prática universitária, principalmente, no entorno de suas Unidades. (MOTTA NETTO et al., 2013, p. 34).

As experiências extramuros que permitem a relação universidade/comunidade propiciam uma formação acadêmica mais próxima da realidade objetiva, e estas experiências favorecem uma educação comprometida com o que Freire (2013b) denomina de educação problematizadora. Uma educação, que na visão do autor, faz um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham.

Nesse sentido, a concepção extensionista da instituição analisada pode ser conceituada como uma prática que procura favorecer a emancipação, uma vez que por meio das políticas e diretrizes, possibilita um espaço de experiências coletivas, que contribuem para a formação de profissionais mais envolvidos com as questões sociais, visto que conforme Freire (2013b) a sala de aula não é um único lugar para formação.

1.4.1 A articulação da universidade com o território

Santos (2007, p. 69) relata que a torre de marfim passou; quando as universidades começaram, foi necessário certo isolamento porque nas estruturas do poder religioso – na Europa, sobretudo – era muito importante dizer que o conhecimento que estavam produzindo era neutro, não tinha que ver com a sociedade, era a maneira de defender a universidade das autoridades religiosas, das inquisições. Mas hoje, segundo o referido autor, as condições são absolutamente distintas; ao contrário, as universidades devem assumir um compromisso político com a sociedade que as envolve.

Nessa dimensão, ressalta-se a importância de a universidade promover espaços para o compartilhamento das questões sociais, entre os atores envolvidos com as práticas extensionistas. Para Freire (1997/2013a), a dialogicidade é a essência da educação como prática de liberdade. Para Freire (1997/2013a), o diálogo nos revela a palavra que deve ser considerada como mais do que um meio para o diálogo. A palavra nos leva à ação e à reflexão.

Sob esta perspectiva, verificamos que a instituição prioriza, no âmbito da extensão universitária, a formação de redes sociais. Marteleto (2010, p. 28), diz: “[...] que a rede supõe um processo de tecelagem contínuo que se dá através do compartilhamento de interpretações e sentidos e da realização de ações articuladas pelos parceiros”. Para o autor, as redes sociais ocupam espaços crescentes nos discursos acadêmicos, nas mídias, nas organizações ou no senso comum.

Com base na verificação dos Relatórios Sociais (2010, 2011, 2012), do Centro Universitário, constatamos que há uma dinâmica de relacionamento com o seu entorno. Essa dinâmica, conforme os relatórios, prevê a realização de fóruns anuais de audiência pública, e encontros mensais com os conselhos comunitários do entorno.

Os fóruns anuais contam com a participação de representantes dos governos municipal e estadual, com lideranças sociais, presidentes de associações de moradores, representantes de organizações sociais e representantes de empresas, moradores, gestores da instituição, alunos e professores.

Com base na visão de Freire (2013a, p. 106), de que ensinar exige tomada de decisão, verificamos que a instituição é bem posicionada quanto à importância do diálogo com os atores locais. Os documentos analisados indicam que desde 2007, a instituição realiza o Fórum de Responsabilidade Social e Desenvolvimento Local. O

evento envolve a participação de empresas locais, de representantes dos Governos Municipal e Estadual, Organizações Sociais, Estudantes de diversas áreas, professores e pessoas interessadas no tema. O fórum é organizado por uma comissão, que envolve um representante de cada setor da sociedade. A Universidade envolve o curso de Comunicação Social na elaboração do projeto de comunicação do evento. Além do *hotsite* do evento, são organizados cartazes e folhetos para a divulgação. O evento tem a duração de um dia.

Segundo o relatório Social (2010) o fórum visa à mobilização de uma rede de intervenção para identificar e discutir as questões emergentes e latentes do território, e a partir das discussões elaborarem propostas de intervenção social. Com base nos registros, identificamos que de acordo com os princípios que norteiam a dinâmica do evento, há um compromisso dos membros da rede em compartilhar as discussões com os seus pares e identificar novas questões que devem retornar para discussão, e a universidade atua como mediadora desse processo.

A instituição pesquisada realiza, desde 2008, o Fórum de Lideranças Sociais e Terceiro Setor. Este evento, segundo o relatório (CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA, 2011), envolve as organizações sociais e as lideranças comunitárias da vizinhança. Nesses encontros discutem-se as demandas locais a partir da organização de grupos de trabalho (educação, saúde, cultura, trabalho, direitos humanos), e a mediação dos grupos é realizada por lideranças, professores e alunos da instituição. Os grupos são formados por área de interesse e busca-se discutir os problemas e identificar formas de intervenção. Com base no resultado da discussão, elabora-se um documento para ser entregue ao órgão governamental.

Com base na análise dos documentos, percebemos que estes fóruns visam discutir as demandas sociais que permeiam os espaços das comunidades, e buscar soluções, por meio da construção coletiva, para o enfrentamento dos problemas identificados pelos atores envolvidos, visto que o foco são as comunidades do entorno da instituição.

Entretanto, verificamos a ausência de uma metodologia de acompanhamento dos projetos existentes, o que nos impossibilita interpretar a dimensão do impacto desses projetos no território.

1.4.2 A prática da extensão universitária na UNISUAM

Segundo relatórios da universidade, o ensino, a pesquisa e a extensão são indissociáveis, e os seus resultados devem ser aplicados com vistas ao enfrentamento das questões sociais.

Ao dialogarmos com Santos (2006, p. 17), identificamos que:

[...] desde sempre, as formas privilegiadas de conhecimento, quaisquer que elas tem sido, num dado momento histórico e numa dada sociedade, foram objeto de debate sobre a sua natureza, as suas potencialidades, os seus limites e o seu contributo para o bem-estar da sociedade.

Nessa dimensão, a instituição busca, acima de tudo, a produção do conhecimento científico socialmente necessário, para a formação de alunos imbuídos do seu contexto social e que sejam capazes de desenvolverem projetos de inovação e tecnologias sociais que possam ser aplicadas em locais de vulnerabilidade social.

Sobre a política de incentivo à participação de alunos e professores em projetos extensionistas, verificamos que a instituição possui um programa de bolsas de extensão que denomina PIBEXT. O referido programa remunera a participação de alunos e professores, e de acordo com os registros, este programa visa intensificar e aprimorar a produção do conhecimento por meio do estabelecimento de políticas internas de fomento e divulgação da extensão universitária que contribuam para o desenvolvimento local.

Entre 2010 e 2012, conforme os dados do Relatório Social (CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA, 2010, 2011, 2012), a instituição desenvolveu 245 projetos de extensão, sob a coordenação de 192 professores e a participação de 2895 alunos. Estes projetos foram realizados nas comunidades do entorno do Centro Universitário, e envolveu a participação de aproximadamente 6000 mil pessoas.

Os projetos são desenvolvidos por meio de núcleos, com a participação dos diversos cursos de graduação. De acordo com a verificação dos documentos, as atividades que ocorrem nos Núcleos de Pesquisa e Extensão devem ser, prioritariamente, de caráter multi ou interdisciplinar, requerendo trabalho integrado entre várias áreas de conhecimento e áreas temáticas e aos respectivos programas

de extensão: Cultura, Direitos Humanos, Educação, Saúde, Comunicação, Trabalho, Meio Ambiente, Tecnologia, UNATI.

Por meio dos documentos, identificamos cinco núcleos de projetos de extensão. A saber:

O núcleo do Complexo do Alemão tem como objetivo contribuir para o Desenvolvimento Sustentável das comunidades que compõem o Complexo do Alemão. O público-alvo são jovens e adolescentes que vivem em vulnerabilidade social. O núcleo desenvolve projetos na área de qualificação profissional, empreendedorismo e geração de trabalho e renda. Entre os cursos de qualificação estão o de Varejo, Informática, Auxiliar de Escritório e Estoquista. Na área de empreendedorismo e geração de trabalho e renda, são realizados os cursos de fotografia, manutenção de computadores, organizador de festas e eventos e recreação. Este núcleo foi criado a partir do processo de pacificação do Complexo do Alemão, com o objetivo de atender aos jovens e adolescentes que ficaram ociosos com a saída dos traficantes que agiam de forma ostensiva na venda de drogas, demanda sinalizada pelas lideranças locais. Segundo os dados apresentados, o projeto já atendeu a aproximadamente 400 jovens. A instituição realiza formaturas a cada semestre, em suas dependências, com a presença dos familiares dos alunos. Durante a formatura a UNISUAM faz um sorteio de cinco bolsas integrais de estudo para os jovens. Segundo dados, desde o início do projeto, 15 bolsas foram concedidas. Esse resultado nos indica que o núcleo de projetos do Alemão promoveu a emancipação desses jovens, que por meio de experiências educativas foram impulsionados a pensar em outras possibilidades, a exemplo do projeto de fotografia, que tem proporcionado geração de renda para os jovens que fotografam aniversários e festas na comunidade. Segundo registros, um aluno abriu uma loja e já empregou outras pessoas da favela. Alunos que fizeram o curso de manutenção de computadores estão realizando consertos para os vizinhos e são remunerados pelo trabalho. Há registro de que alunos do curso de organização de festas já atuam na área em sua comunidade, e gerando renda. Esses dados nos remetem à interpretação de que nesse espaço gerou possibilidades de emancipação. Cabe ressaltar a importância de uma referência local de sucesso para esses jovens, que vivem em locais de vulnerabilidade social, porque a experiência de um pode abrir novos caminhos para outros.

O núcleo Universidade Aberta à Terceira Idade, UNATI UNISUAM, tem como objetivo o desenvolvimento de atividades ligadas às áreas da Cultura, Saúde, Educação, Integração Social e Tecnologia de Informação e de Comunicação, visando à melhoria da qualidade de vida dos idosos. O projeto promove diversos cursos e oficinas com o foco no envelhecimento. As atividades são desenvolvidas por alunos e professores dos cursos de Comunicação Social, Enfermagem, Educação Física, Nutrição, Fisioterapia, Serviço Social, Gastronomia e Administração. Segundo os registros, a UNATI UNISUAM tem aproximadamente 500 idosos participando das atividades, já gerou vários trabalhos de conclusão de curso e é campo de pesquisa para o Mestrado em Ciências da Reabilitação do Centro Universitário. Outra área explorada pela UNATI é a cultural, pois, segundo os registros, durante o ano a gestão do projeto organiza vários passeios com os idosos, com a participação dos alunos e professores. A UNATI também tem um coral e um grupo de dança que se apresentam em eventos internos e externos. Os dados nos revelam que os idosos chegam ao projeto com muitas dificuldades físicas e emocionais, mas no decorrer das atividades, segundo os familiares, o comportamento modifica, demonstram mais alegria, criam novas amizades e ficam mais autônomos para realizar as atividades cotidianas. Esses resultados indicam que a UNATI tem potencial para abrir novas possibilidades para esse grupo, que muitas vezes não tinham mais esperanças para suas vidas.

Uma questão de destaque para as ações na UNATI é a possibilidade do trabalho intergeracional, de maneira a articular os saberes produzidos pela academia aos trazidos em suas histórias de vida. Dessa forma, os estudantes e professores apreendem nessas práticas questões relevantes aos seus desenvolvimentos.

O núcleo do Projeto Mulher tem como objetivo realizar atividades nas áreas de qualidade de vida, educação, cidadania e geração de trabalho e renda. O projeto tem como foco o trabalho com mulheres que vivem em comunidades de vulnerabilidade social, e visa à realização de atividades que possibilitem o empoderamento dessas mulheres. Os dados indicam que as mulheres que o procuram não trabalham fora de casa, e buscam o projeto durante o horário que os filhos estão na escola. As oficinas são desenvolvidas pelos cursos de Gastronomia e Nutrição, que desenvolvem oficinas sobre alimentação saudável e de

reaproveitamento integral dos alimentos e proporcionam a possibilidade de organizar pratos especiais que podem inclusive gerar renda.

O curso de Psicologia desenvolve atividades de grupos, visando ao trabalho de autoestima e valorização pessoal.

O curso de Administração faz a organização de seus currículos e orienta sobre postura e apresentação pessoal para entrevista de emprego.

O curso de Contabilidade dá orientações sobre como organizar pequenos negócios e auxilia na inscrição do Microempreendedor Individual.

Os cursos de Serviço Social e Direito desenvolvem palestras que orientam sobre cidadania, Lei Maria da Penha e orientação jurídica.

A Enfermagem desenvolve oficinas sobre a saúde da mulher, e dá orientações e encaminhamentos para serviços de saúde.

O curso de Pedagogia realiza o projeto de alfabetização, e o de Estética trabalha com cursos para geração de renda.

Os registros revelam que durante o projeto as mulheres procuram orientação sobre como montar o seu próprio negócio, orientação jurídica para causas relacionadas à violência doméstica e pensão alimentícia, e segundo os dados, a autoestima, antes negativa, dá sinais visíveis de mudança positiva, o que é observado quando as mulheres passam a cuidar mais da aparência pessoal.

Há um destaque para o curso de Estética, que promove oficinas de embelezamento, visando à saúde emocional e física, mas também a geração de renda, ao ensinar as mulheres como fazer limpeza facial, maquiagem e penteados.

Uma questão identificada foi o retorno das mulheres para a escola, pois segundo os dados algumas não são alfabetizadas e o projeto prevê a alfabetização, e ao término são orientadas para buscar uma escola na região. Os dados evidenciam um espaço que promove a emancipação dessas mulheres, que por meio de experiências promovidas pelos projetos, passam a vislumbrar novas possibilidades para o seu cotidiano. Os registros apontam também que as mulheres veem no projeto um espaço para novas aprendizagens, e que estas podem ajudá-las a realizar atividades em casa e gerar renda para contribuir com o orçamento familiar, visto que a maioria delas está impossibilitada de buscar um vínculo empregatício porque precisa cuidar dos filhos.

O Núcleo de Apoio ao Empreendedorismo (NAE) foi criado com a missão de desenvolver ações e atividades que visem ao aprimoramento da qualidade do

ensino, disponibilizando serviços aos públicos interno e externo, contribuindo com o desenvolvimento socioeconômico das regiões de abrangência das unidades da UNISUAM. Atende a pessoas que querem abrir o seu negócio ou microempreendedores que precisam de orientação.

Na composição do núcleo participam alguns cursos, como o de Administração, orientando na organização de um plano de negócio. Contabilidade orienta e realiza toda a legalização do negócio.

O curso de Comunicação Social desenvolve a logomarca da empresa, o site, e produz peças para divulgação do negócio. Arquitetura e Engenharia Civil desenvolvem projetos estruturais e orientam em reformas. Os alunos da UNISUAM são estimulados a empreender por meio da disciplina empreendedorismo, que integra a grade curricular de todos os cursos. Aqueles alunos que tomam a iniciativa de empreender o seu negócio são direcionados para o processo de incubação. Nesse processo, os alunos são orientados por professores desde a legalização até a fase de incubação.

O Núcleo de Apoio do Empreendedorismo (NAE), também focaliza o acompanhamento de negócios sociais. Identificamos uma cooperativa de catadores organizada por um grupo de egressos do sistema prisional, moradores da favela do Alemão, que está em fase de aceleração, e uma cooperativa de costureiras da favela de Manguinhos que também está em fase de incubação.

O núcleo Socioesportivo tem como foco a realização de atividades para crianças e jovens adolescentes que vivem em áreas de vulnerabilidade social. O projeto envolve atividades socioesportivas, e participam os cursos de Educação Física, Nutrição, Fisioterapia e Pedagogia. Dentre os projetos socioesportivos, identificamos a parceria da UNISUAM no projeto Taça das Favelas, lançado em 2011 pela Central Única das Favelas (CUFA), uma organização social com foco em projetos culturais e esportivos nas favelas. O referido projeto visa à realização de um torneio de futebol entre 80 favelas do Rio de Janeiro, com a participação de jovens adolescentes, moradores das comunidades, entre 15 e 17 anos.

Os cursos envolvidos neste projeto foram: Educação Física com a mobilização de alunos durante as peneiras da competição e durante os jogos para acompanhamento dos atletas. O curso de Comunicação Social fez a cobertura fotográfica, entrevistas e vídeos sobre a competição. Os cursos de Serviço Social e História lideraram a produção de um livro sobre a Taça das favelas. A participação

dos referidos cursos gerou um livro de fotografia da Taça das Favelas, um documentário do evento, e artigos científicos. Tais práticas educativas revelam que estas favorecem um espaço de emancipação social porque envolvem, conforme a concepção freiriana sobre o ato educativo, experiências problematizadoras, que propiciam aos atores envolvidos um espaço de reflexão e realização.

1.5 Discutindo os dados

Sobre o compromisso da universidade em relação ao contexto local, verificamos que há uma predisposição da instituição para envolver a comunidade em diálogos que favoreçam soluções de problemas sociais, o que na concepção de Santos (2000) consiste na invocação da responsabilidade social da universidade perante os problemas do mundo.

Segundo Santos (2000), no contexto acadêmico os tradicionalistas fizeram severas críticas sobre a posição intervencionista da universidade. Para o autor, as críticas referiam-se a que muitos programas de extensão não estariam baseados em conhecimentos sólidos, e que os professores, por estarem envolvidos nas atividades de extensão, dedicariam menos tempo ao ensino e à pesquisa.

Ao analisarmos a concepção de extensão da universidade, identificamos certa fragilidade na relação pesquisa e extensão, pois, com base nos documentos, verificamos que os núcleos são apresentados pela Instituição como de pesquisa e extensão, no entanto não encontramos registros explícitos sobre a atuação da pesquisa ao lado da extensão.

Para Freire (2013b, p.30-31), “não há ensino sem pesquisa [...], a pesquisa leva à constatação e a constatação permite a intervenção.”

Nesse sentido, constatamos a necessidade de a instituição organizar mecanismos para estreitar a relação da pesquisa com a extensão, visando a uma ação conjunta, especialmente, no contexto dos núcleos de projetos. Essa ação consolidará as ações extensionistas, e contribuirá para a ampliação da produção científica da universidade, visto que a quantidade de projetos desenvolvidos é expressiva.

Na articulação com o território, há um engajamento expresso da Instituição nas relações com empresas, governos, ONGs e lideranças sociais, por meio da realização de fóruns e audiências públicas, o que legitima a proposta institucional em articular-se com os setores da sociedade. Essa dimensão pode ser ancorada nas ideias de Freire (2013b, p.110), que ao referir-se à importância do diálogo, afirma que: “[...] este é uma exigência existencial em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado.”

Os registros em relação ao desenvolvimento dos projetos por meio de núcleos apontam que a participação propicia a emancipação dos atores envolvidos, mas não há uma definição institucional sobre a metodologia utilizada para avaliação e acompanhamento desses projetos, o que impossibilitou a identificação de dados mais específicos em relação aos resultados.

Nesse sentido, consideramos que a definição de uma metodologia de avaliação de projetos favorecerá a elaboração de instrumentos formais de coleta de dados, além de legitimar, por meio das produções científicas, as ações da Instituição na área da extensão universitária.

Em relação ao desenvolvimento de ações emancipadoras por meio das práticas extensionistas, verificamos que há indícios de que a Instituição tem possibilitado espaços emancipadores. Ao dialogar com Freire (2013a, p.46), identificamos que o ato educativo possibilita um espaço de superação, “[...] que implica no reconhecimento crítico da situação vivida para que, por meio de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure outra que possibilite a busca do ser mais.” Nesse sentido, é possível afirmar que a universidade favorece espaços emancipadores por meio das práticas extensionistas, e que estes espaços abrem novos campos para o ensino e para novas aprendizagens.

1.6 Considerações finais do Artigo A

Há consenso na afirmação de que a universidade tem um papel importante na articulação dos saberes com a sociedade. Ao olharmos especificamente para o processo de formação acadêmica, constatamos que o conhecimento construído no espaço acadêmico tem maior sentido quando socializado. E é neste sentido, de

socialização do saber construído na universidade, que a extensão se faz presente de forma efetiva.

À medida que este estudo tomava forma e sentido, fortalecia-se a concepção de que a extensão universitária pode contribuir para a sociedade quando possibilita a realização de ações, que favorecem o desenvolvimento local.

Quanto à concepção de extensão na UNISUAM, verificamos que esta favorece a relação dialógica com os atores locais, e que de acordo com a visão institucional, esta prática permite uma formação mais contextualizada com os problemas sociais, e principalmente, estimula a reflexão e a busca de soluções para esses problemas.

No âmbito da articulação com as redes sociais, uma maneira de favorecer o seu fortalecimento é a realização de fóruns permanentes, com o propósito de construir de forma coletiva e participativa indicadores sociais que sirvam de referência para a construção de novos projetos e ações preventivas.

A expectativa é que essas articulações e ações desenvolvidas no âmbito da extensão universitária favoreçam a emancipação social. Entretanto, é necessário que a instituição defina uma metodologia de avaliação e acompanhamento de projetos para que se obtenham registros mais consistentes em relação aos resultados dos projetos e o impacto local.

Os dados apresentados indicam que o cenário é favorável, mas é necessário compor a tríade de uma Instituição de Ensino Superior, que são ensino/pesquisa/extensão. Existem fragilidades evidentes em relação a pesquisa, visto que esta poderia cumprir o papel de sistematizar as avaliações de impacto desses núcleo/projetos. Embora a IES também subsidie o desenvolvimento de pesquisa, a articulação pesquisa/extensão é bastante frágil.

1.7 Referências do Artigo A

ALMEIDA, Luciane Pinho de; SAMPAIO, Jorge Hamilton. Extensão universitária: aprendizagens para transformações necessárias no mundo da vida. **Revista Diálogos**: construção conceitual de extensão e outras reflexões significativas, Brasília, DF, v. 14, n. 1, p. 33-41, dez. 2010.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BRASIL. Decreto nº 10.951, de 11 de abril de 1931. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr. 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

_____. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 abr. 2004. p. 3. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm>. Acesso em: 02 dez. 2013.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 24. , 2004, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPED, 2004. p. 01-16. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t1111.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA. Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão. **Relatório de Projetos de Pesquisa e Extensão 2010**. Rio de Janeiro: SUAM, 2011.

_____. Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão. **Relatório de Projetos de Pesquisa e Extensão 2011**. Rio de Janeiro: SUAM, 2012.

_____. Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão. **Relatório de Projetos de Pesquisa e Extensão 2012**. Rio de Janeiro: SUAM, 2013.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo UNESP, 2001. (Série Paulo Freire).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus: FORPROEXP, 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**,

Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010

MOTTA NETTO, A. M. et al. (Org.). **Plano de desenvolvimento institucional: 2013-2016**. 2. ed. Rio de Janeiro: SUAM, 2013.

MOTTA NETTO, Arapuan et al. (Org.). **Relatório Social UNISUAM 2010**. Rio de Janeiro: SUAM, 2011.

MOTTA NETTO, Arapuan et al. (Org.). **Relatório Social UNISUAM 2011**. Rio de Janeiro: SUAM, 2012.

MOTTA NETTO, Arapuan et al. (Org.). **Relatório Social UNISUAM 2012**. Rio de Janeiro: SUAM, 2013.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAULA, João Antônio de. Extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces: Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 41, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

RIBEIRO, R. M. C. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**, Brasília, DF, v. 15, n. 1, p. 81-88, jul. 2011.

ROCHA, Leliane Aparecida Castro. **Projetos interdisciplinaridades de extensão universitária: ações transformadoras**. 2007. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação, Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, 2007.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2007.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo. Cortez, 2006.

_____. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2006.

_____. **O fórum social mundial: manual de uso**. São Paulo. Cortez, 2005.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo. Cortez, 2000.

SANTOS, Marcos Pereira dos Santos. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica do docente e discente no século XXI: um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 10-15, 2010.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SILVA, Carmen Luiza da; TABORDA, Ana Margarida de Leão; SOUZA, Maria Antonia de. Universidade voltada aos processos de emancipação: a construção do ensino em relação com a extensão e a pesquisa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 11., 2011, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: IGLU, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/26120/5.14.pdf?sequence=>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

SOUZA, Ana Luiza Lima; FARIA, Dóris Santos de (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

2 ARTIGO B: MULHERES QUE ESPERAM: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA VILA OLÍMPICA DO COMPLEXO DO ALEMÃO

2.1 Introdução do Artigo B

O surgimento de vilas olímpicas na Cidade do Rio de Janeiro é um fenômeno característico do final do século XX e início do século XXI. São espaços criados pelo poder público, administrados por organizações sociais, que desenvolvem atividades esportivas e de lazer em comunidades com vulnerabilidade social. As vilas estão localizadas, em alguns casos, em áreas dominadas pela milícia e/ou pelo tráfico de entorpecentes.

Este trabalho tem como locus de pesquisa a Vila Olímpica Carlos de Castilho, no Complexo do Alemão, cidade do Rio de Janeiro. Na primeira visita que fizemos a essa Vila, encontramos muitas mulheres sentadas ou circulando, ora conversando, ora caladas, próximas às quadras onde seus filhos jogavam ou se divertiam.

A pergunta que então nos fizemos se transformou em tema deste trabalho: o que representa esse tempo de espera para essas mulheres, que permanecem nas vilas enquanto seus filhos participam de atividades esportivas e de lazer?

A partir desta questão norteadora, formulamos o seguinte objetivo geral do estudo: descrever as representações de um grupo de mulheres sobre o tempo em que permanecem esperando os filhos terminarem as atividades na vila olímpica.

Quais são os sentidos e significados atribuídos ao tempo de espera por essas mulheres? Por que disponibilizam esse tempo para esperar os filhos? Acompanham e esperam seus filhos em virtude da insegurança existente na região? Como representam a pacificação da comunidade e a influência no tempo da espera? Por que levam e esperam seus filhos? Estas podem ser consideradas as questões a investigar neste estudo.

Este estudo pode ser justificado pela dimensão que vem ganhando a proposta de pacificação de várias comunidades no Rio de Janeiro. No início da década de 2010, muitas regiões, algumas das quais com vilas olímpicas, foram pacificadas pela polícia militar, com ou sem auxílio de contingentes das forças armadas federais, e equipadas com Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que constituem um novo

modelo de policiamento, em que se promove a aproximação entre a população e a polícia, aliada ao fortalecimento de políticas sociais nas comunidades. Ao recuperar territórios ocupados há décadas por traficantes e, recentemente, por milicianos, as UPPs propõem-se a levar a paz aos moradores e lhes garantir o direito de ir e vir com segurança.

Estudos que busquem investigar a realidade dessas regiões podem contribuir de forma eficaz para o aprimoramento das relações sociais e interinstitucionais, desenvolvendo espaços de reflexão e ação, e que, de fato, transformem um espaço de violência em um lugar para viver de forma plena.

2.2 Orientação metodológica

O estudo é de natureza etnográfica, com aportes da etnometodologia e da pesquisa-ação colaborativa. Dada a sua orientação pragmática, o projeto supõe mudar o real enquanto se faz a pesquisa, com propostas de intervenção, após análise e discussão dos resultados.

Na etnometodologia, seguimos as orientações de Lígia Lana (2012), Wellington Pereira; Tarcineide Mesquita (2012), Samir Oliveira; Ludmila Montenegro (2012) e Carlos Silva; Sebastião Votre (2012). Na pesquisa participante e pesquisa-ação colaborativa, ajustamo-nos às orientações de Daisi Chapani; Claudia Luz; Juliana Ferreira (2012) e Marília Tozoni-Reis (2012).

Contamos também com recursos da análise crítica do discurso, principalmente, coadunando com as ideias de Monica Heller (1998) e Viviane Costa (2007). A etnometodologia (SILVA; VOTRE, 2012) guiou os passos dos pesquisadores, na busca de regularidades e padrões de comportamento, num quadro que, à primeira vista, parecia caótico e não organizado.

Após quatro visitas à Vila, utilizamos um roteiro de entrevista com dois grupos focais de mulheres. O primeiro foi composto por cinco informantes, o segundo, por oito. A abordagem qualitativa aqui enunciada tem impacto nos procedimentos de observação e registro de gestos, comportamentos e fragmentos de fala no diário de campo. A fase etnográfica permitiu uma primeira descrição do modo de organização das pessoas dentro da Vila e facultou uma análise preliminar da situação problema.

Dessa fase resultou também a seleção das informantes iniciais. O procedimento de coleta de dados pautou-se pela resolução 196/98. Antes das entrevistas, o termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue às participantes e um tempo foi dedicado às explicações sobre o teor da pesquisa e demais detalhes de proteção e anonimato.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, portanto maleável, que permitiu a interpretação do discurso das informantes e a mudança de rumo, ou de tópico, quando necessário. Isto de fato ocorreu, tendo em vista que a temática da pacificação, para as mulheres “de dentro” da comunidade (entendidas aqui como as moradoras do Complexo do Alemão), não era um assunto desejável, situava-se em área melindrosa, provocando longos silêncios ou poucos comentários.

A análise do contexto da entrevista ratifica a teoria de Norman Fairclough (2008) sobre o efeito social do discurso, como prática social e não como atividade estritamente individual. O discurso apresenta efeitos construtivos, que podem ser identificados por três aspectos: contribui para construção das identidades sociais, para a construção das relações sociais entre as pessoas e para a construção dos sistemas de conhecimentos e crenças. Constata-se, ainda, que o discurso é uma forma de prática política, que pode e, normalmente, é utilizada para naturalizar relações de poder e ideologias. Nessa perspectiva, infere-se que a prática discursiva é um processo de produção, distribuição e consumo textual, de natureza social, uma vez que todos esses processos são sociais. Ao analisarmos o discurso como texto, destacamos a importância da relação entre o seu significado potencial e seu efeito social concreto sobre os participantes.

Este estudo também ratifica papel fundante das representações sociais, na linha de Fernando Lefebvre; Ana Lefebvre; Maria Marques (2007), para quem as representações sociais são esquemas sociocognitivos de que as pessoas lançam mão, no cotidiano de suas vidas, para emitirem juízos ou opiniões, que são condições necessárias para viver e se comunicar em sociedades complexas. Esses esquemas, que poderíamos considerar acessíveis por meio de depoimentos individuais, são entidades virtuais que, por isso mesmo, precisam ser reconstituídas por pesquisas sociais, que comportem uma dimensão qualitativa e quantitativa.

2.3 A história do Complexo do Alemão

O Complexo do Alemão tem o início da sua história logo depois da Primeira Guerra Mundial, quando na década de 1920 o polonês Leonard Kaczmarkiewicz adquiriu lotes na Serra da Misericórdia, uma região rural da Zona da Leopoldina. A identificação do local como Morro do Alemão surgiu em referência às características físicas do proprietário. No entanto, os registros apontam que a ocupação só começou em 1951, quando o dono do terreno o dividiu, para vendê-lo em lotes.

O bairro foi erguido sobre a Serra da Misericórdia, uma formação geológica de morros e nascentes. Boa parte da serra foi destruída devido às pedreiras, muito comuns a partir da metade do século XX. Atualmente, existe uma pedreira em pleno funcionamento no local, autorizada pelo poder público, embora a Serra da Misericórdia seja considerada Área de Proteção Ambiental.

A área rural começou a mudar de perfil em 1920, com a instalação do Curtume Carioca. A empresa atraiu para o bairro centenas de famílias de operários, ampliou o comércio e contribuiu para instalar os moradores. A abertura da Avenida Brasil, em 1946, contribuiu para o progresso da região, transformando-a no principal polo industrial da cidade.

O comércio e a indústria teriam aumentado suas atividades na região, mas a ocupação desordenada dos morros adjacentes deu lugar ao processo de favelização do Complexo do Alemão, como também ao aumento da violência no local. A região abrigava alguns parques industriais de empresas importantes, que empregavam muitos moradores locais, como as fábricas da Coca-Cola e da Poesi.

Segundo dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o censo de 2010 apurou que o Complexo do Alemão tem 669.143 moradores. Este número está distribuído em 13 favelas: Morro do Alemão, Grotta, Nova Brasília, Alvorada, Alto Florestal, Itararé, Morro Baiana, Morro Mineiro, Morro da Esperança, Joaquim de Queiroz, Vila Cruzeiro, Morro das Palmeiras e Morro do Adeus. A grande área pertence à região da Leopoldina, que compreende os bairros de Inhaúma, Bonsucesso, Ramos, Olaria e Penha.

Nesse contexto, identificamos a Vila Olímpica Carlos Castilho, na estrada do Itararé 460, Bairro da Grotta. Ela foi inaugurada no dia 29 de setembro de 2002 pelo prefeito, à época, César Maia e reinaugurada em 29 de julho de 2010 pelo prefeito

Eduardo Paes. A Vila ocupa uma área de quase oito mil metros quadrados, entre a área externa, os dois pavimentos e o ginásio poliesportivo. O nome Carlos Castilho é uma homenagem a um desportista e morador da comunidade, que foi goleiro do Fluminense Futebol Clube entre as décadas de 1940 e 1960.

A estrutura da Vila Olímpica Carlos Castilho oferece piscina, ginásio poliesportivo, campo de futebol, pista de atletismo emborrachada, pista de skate, parquinho e biblioteca. Segundo o professor Gideon, Coordenador Técnico da Vila Olímpica, cerca de mil pessoas participam das diversas atividades oferecidas.

2.4 Incursão no campo de pesquisa

Visitamos a Vila pela primeira vez no dia 7 maio de 2011 e fomos recebidos pelo gestor administrativo e pelo gestor técnico. Os gestores nos encaminharam para uma sala e ali conversamos sobre o funcionamento cotidiano. Percebemos que eles estavam muito empolgados com a nossa visita e muito interessados em nos contar sobre a forma como gerenciavam as atividades que aconteciam no espaço.

Reunimo-nos na biblioteca, em contexto relativamente formal. Como não havia cadeiras suficientes, conduzimos a entrevista em pé. Das cinco mulheres participantes, convidadas pelos gestores, três eram moradoras da Grotta, onde está localizada a Vila Olímpica, uma do bairro de Ramos e outra do bairro da Tijuca. Ao perguntar à moradora da Tijuca o que a motivou a vir de tão longe, ela justificou que morou na localidade e já conhecia a Vila.

Durante os relatos, os gestores nos explicaram como se estabelecia a relação com os usuários, e especialmente como gerenciavam a conservação do espaço. Eles fizeram questão de destacar que mantinham um diálogo frequente com as pessoas que utilizavam a Vila. Comentaram que havia um muro que separava a Vila da comunidade, mas que este fora derrubado. Hoje no lugar do muro foram colocadas grades e isso aproximou mais as pessoas da Vila Olímpica. Ressaltaram que, além dos moradores da Grotta, os moradores das comunidades do entorno também buscam as atividades. Conversando um pouco mais, constatamos que a Vila oferecia atividades para as mulheres. Agradecemos o tempo que ambos nos dispensaram e pedimos a permissão para visitarmos os espaços da Vila. Falamos

que poderíamos fazer a visita sózinhos, para não atrapalhá-los em suas tarefas, mas o gestor técnico fez questão de nos acompanhar.

Durante a visita observamos que não havia espaço ocioso nas quadras, pois em todos os locais que visitamos estavam sendo realizadas atividades. Chamou-nos atenção a participação de meninas jogando futebol com os meninos. A limpeza e a organização nos impressionaram, bem como a presença de vários grupos de mulheres que aguardavam os filhos, próximas aos locais onde aconteciam as atividades de esporte e lazer.

Perguntamos ao gestor se as mulheres procuravam as atividades oferecidas pela Vila, e ele nos respondeu que algumas sim, mas eram poucas as que conseguiam realizá-las, porque buscavam conciliar o horário com a atividade dos filhos; no entanto, ele não percebia muito interesse por atividades físicas, o que nos levou a inferirmos que a oferta não contemplava a demanda. Perguntamos sobre que tipo de atividade, na opinião dele, deveria ser oferecido para as mulheres e ele apontou que poderiam ser cursos e oficinas, mas não entrou em detalhes. Estava claro, a essa altura, que fazia sentido levantar, junto às mulheres, qual era a representação que tinham sobre o tempo livre de que dispunham.

Aproximamo-nos de alguns grupos de mulheres e perguntamos se elas achavam interessante o exercício de alguma atividade durante o período de espera. Algumas delas disseram que sim. Encontramos uma mulher que não era mãe e sim avó, e que passava o dia na Vila, porque trazia dois netos, um pela manhã e outro à tarde; ao perguntarmos sobre a realização de alguma atividade no período em que esperava pelos netos, ela ficou muito interessada e disse que seria muito bom, para ela e para as outras mulheres, pois permaneciam muitas horas na Vila. Mais uma vez, o interesse não se materializava por algum tipo específico de atividade. Estávamos diante de um grupo aberto a novas experiências laborais ou de estudo, mas sem projeto específico.

Finalizamos a primeira visita, agradecemos aos gestores e às mulheres, e dissemos que retornaríamos outras vezes para conversarmos mais com as mulheres, pois queríamos saber mais sobre seus desejos, necessidades e o tempo de espera. Algumas mulheres, ao ouvirem nossa proposta de novas visitas, demonstraram desconfiança e alegaram que, em outros momentos, já haviam sinalizado para pessoas que as entrevistaram, anteriormente, o desejo de terem alguma atividade durante o tempo em que esperavam. Vimos, então, que esse

tempo de espera representava uma oportunidade para essas mulheres. Mas que oportunidade era essa? A que aspiravam?

Na tarde do dia 27 de maio de 2011, sexta-feira, visitamos a Vila Olímpica Carlos Castilho pela segunda vez e, então, conversamos com dois grupos de mulheres. O primeiro grupo foi escolhido por sugestão dos administradores da Vila. A média de idade das mulheres entrevistadas era de 30 anos. Pedimos que se identificassem e procuramos chamá-las pelo nome durante a conversa. Perguntamos sobre o tempo em que aguardavam pelos filhos e a resposta foi que em média o tempo era de duas horas.

Após entendermos que elas estavam dispostas a interagir conosco, tentamos entrar no tema pacificação. Perguntamos se levavam os filhos à Vila antes da pacificação e percebemos que a expressão de duas moradoras do local mudou; reagiram de forma imediata, respondendo que nada se alterara e que sempre participaram das atividades da Vila. As outras duas, que não moram no local, disseram que antes não traziam as crianças porque tinham medo. Percebemos que esta é uma pergunta difícil de ser respondida pelas moradoras da Grotta, pois fizeram questão de enfatizar que nada mudou. Identificamos desconforto dessas mães com a temática e optamos por retirar o tópico do roteiro de entrevista

Ao perguntarmos se já participavam de alguma atividade oferecida pela Vila, confirmaram o que dissera o gestor técnico, responderam que não, pois os horários em que se ofereciam atividades não “casavam” com os horários das crianças.

Sobre a opinião delas a respeito da oferta de alguma atividade para fazerem durante o tempo da espera, todas disseram que seria muito bom. Quando pedimos que indicassem o tipo de atividade, continuaram com dificuldade em apontar alguma. Incentivamo-las a pensar, perguntamos se alguém já teria falado a respeito do quanto seria bom ter alguma atividade para fazer, mas elas disseram que não. Optamos por aguardar que se manifestassem. Depois de alguns minutos em silêncio, houve manifestação de uma informante, que falou sobre um curso de informática, citou que na Vila Olímpica havia um projeto do Governo do Estado, mas que era muito difícil conseguir vaga. Outra informante disse que não tinha opinião porque não sabe ler nem escrever. Após esses dois relatos, as demais se manifestaram de forma solidária, apoiando o pedido de informática e dizendo àquela informante que não se envergonhasse de não saber ler e escrever, pois tinham

certeza de que outras mulheres estavam na mesma situação. Portanto, tínhamos agora duas sugestões: um curso de informática e um curso de alfabetização.

As respostas das mulheres ratificam a proposta de Fairclough, sobre o papel do discurso na organização sociocultural, pois as mães, ao criticarem projetos anteriores que não saíram da promessa, levaram-nos à resposta rápida, concreta e adequada a seus interesses.

Perguntadas sobre os motivos que as levaram a procurar atividade física para as crianças, uma delas falou que o filho estava acima do peso, foi por indicação médica; outra disse que a criança era hiperativa e comentou a importância de ter palestras para ajudá-la a lidar com ela, as outras disseram que era muito importante, para as crianças, fazerem atividades físicas.

As respostas indicam forte presença de razões funcionais, de ordem médica e psicológica, ao lado da explicação relativamente consensual sobre a importância da atividade física para crianças e jovens adolescentes. O discurso das mães permite inferir que é muito importante manter os filhos ocupados com atividades esportivas e de lazer, o que é possível e viável, com a existência de locais seguros, agradáveis e confortáveis, como são as vilas olímpicas.

Perguntamos se tinham conhecimento de algum grupo de mães que se organizava para realizar alguma tarefa específica; uma delas, da Grota, falou sobre as mães das crianças que participam da ginástica, disse que seria importante ouvi-las, pois devido aos ensaios, elas esperavam as filhas de quatro a cinco horas por dia e sempre faziam várias atividades juntas, relacionadas à confecção de roupas para ginástica, principalmente quando as meninas tinham apresentações. Essa mulher, incisiva, disse-nos que nos levaria para falar com uma das mães, que era sua amiga, e o fez. Fomos, com ela, até ao andar em que outras mulheres aguardavam a saída dos filhos.

Fomos apresentados a essa mãe amiga, que chamou as outras para participarem da conversa. Estava formado o segundo grupo de informantes, com oito mulheres, que mostravam curiosidade e satisfação em participar da entrevista. Todas se sentaram em um banco que havia no local e começamos a conversar. Diferentemente do grupo anterior, este se formou de modo descontraído. Também nesse grupo a média de idade das mulheres entrevistadas era de 30 anos. Eram moradoras dos morros da Grota, da Fazendinha e da Baiana, que têm estações do teleférico e estão muito próximas à Vila Olímpica.

Da mesma forma que fizemos com o grupo anterior, seguimos os procedimentos éticos já mencionados. Apresentamo-nos, falamos da pesquisa e declaramos que estávamos ali para uma conversa sobre a opinião delas a respeito do tempo em que esperavam seus filhos e de seus interesses. Perguntadas se já faziam atividades oferecidas pela Vila, também disseram que não, devido ao horário, mas deixaram claro que não tinham interesse pela atividade física.

Perguntamos então se elas achavam interessante ter alguma atividade no período em que aguardavam os filhos. Todas falaram que sim. Perguntamos sobre o que queriam, e que tipo de atividade seria bom para elas.

A mãe líder, que reuniu o grupo, tomou a fala e relatou que algumas mulheres esperavam até seis horas enquanto as crianças ensaiavam e que seria muito bom se a Vila oferecesse alguma atividade nesse período. Comentou que devido ao longo tempo de espera, essas mães acabaram formando um grupo, estavam sempre juntas, que entre elas sempre alguém ensinava alguma coisa. Durante a conversa, notamos que uma das mães bordava a roupa do grupo de ginástica olímpica da Vila; ela comentou, com muito orgulho, que as crianças iriam participar de um evento na Suíça.

Formou-se uma espécie de *brainstorming*, com cada uma delas sugerindo atividades que lhes interessavam. A primeira sugestão do grupo foi de cursos que conferissem certificado, para que elas pudessem sair dali com alguma profissão. Citaram informática, manicure, maquiagem, alfabetização e inglês. Falaram em oficinas para ensinar artesanato, visando à geração de renda. De posse dessa preciosa lista de demandas, perguntamos o que achavam da ideia de identificar as mulheres que possuem alguma habilidade, para ensinar às outras; elas ficaram muito empolgadas e disseram que seria ótimo.

Estávamos vivenciando o processo de pesquisa-ação colaborativa, em que as sugestões de atividades surgiam do próprio grupo, que argumentava, com coerência, em favor de atividades que fossem relevantes para sua vida profissional e para gerar renda.

Como tínhamos interesse em verificar o efeito da pacificação na participação das mulheres na Vila, perguntamos como avaliavam a sua participação nas atividades da Vila, antes e depois da pacificação, e a reação das mulheres “de dentro” foi a mesma do grupo anterior, mas essas fizeram questão de afirmar que a Vila sempre foi frequentada pelos moradores e encerraram o assunto. Portanto,

nesse grupo “de dentro”, ao falar em pacificação, não ficaram confortáveis, algumas, inclusive, mudaram suas expressões faciais. Por exemplo, em alguns casos, levantavam as sobrancelhas, coçavam a nuca, mudavam a posição do corpo.

Estava claro, mais uma vez, que as mulheres não se sentiam à vontade para falar de um projeto policial que envolvia ações de punição e controle das pessoas de suas comunidades, entre as quais, provavelmente, se encontravam parentes delas. Mais uma vez, as mulheres demonstravam o poder do discurso em moldar práticas e comportamentos.

A reação era diferente com as mulheres “de fora” (aquelas que não moravam no Complexo do Alemão). Com efeito, uma mulher se manifestou, dizendo que era moradora de Olaria e que antes não frequentava a Vila por medo dos bandidos armados, mas que agora estava bem diferente. Não houve comentário e nem consentimento das outras mulheres.

2.4.1 Representações no discurso das mulheres que esperam

A interação que se processou durante as entrevistas mostrou, por um lado, que o tempo de espera poderia ser uma oportunidade para o desenvolvimento de atividades propostas pela Vila. Mostrou também que a oferta não atendia aos interesses e restrições de horário da demanda.

A representação das mulheres sobre o tempo de espera indica que é um tempo para a aprendizagem. Em vários momentos constata-se que as mulheres aspiravam por algo que lhes enriquecesse no âmbito do conhecimento mais instrumental. Cursos de informática, manicure, maquiagem, alfabetização e inglês foram citados, além de oficinas para ensinar artesanato.

O estudo permitiu constatar que o tema da pacificação foi tratado com reserva pelas mulheres de “dentro” da comunidade; nossa interpretação é que elas não se sentem seguras para externar suas representações sobre um tópico tão novo em seu cotidiano. Já para as mulheres de “fora”, há representação de que antes da pacificação havia medo em trazer as crianças para as práticas esportivas oferecidas pela Vila Olímpica, porque os confrontos entre a polícia e os traficantes eram frequentes.

Sobre o interesse em praticar atividades físico-desportivas, entre as mulheres entrevistadas não se verificou interesse. Pelos relatos, as mulheres mostraram-se interessadas em cursos profissionalizantes, que as certificassem, no sentido de ampliar as possibilidades no mercado de trabalho.

Durante as entrevistas as representações focalizaram a importância da atividade física para as crianças de modo geral. A participação das crianças nas atividades da Vila perpassam questões ligadas ao sobrepeso, hiperatividade e saúde. No entanto, no grupo de mães das crianças que realizavam ginástica olímpica, observou-se a manifestação do desejo no sentido de que as filhas estivessem tendo uma oportunidade no campo de trabalho do esporte. As mães da ginástica olímpica não interagem com as outras mães, pois se organizavam num grupo restrito e, nesse tempo de espera, confeccionavam as roupas que as meninas usavam nas apresentações, ou ensinavam umas às outras algumas habilidades específicas, como bordar, uma nova receita, entre outras coisas.

Pesquisas mostram os efeitos educativos da mulher esportista e sua influência para os filhos. No entanto, apesar de essas mulheres não serem desportistas e não se ter verificado demanda por atividades físico-desportivas, há uma vinculação com a ambiência esportiva (MOURÃO, 2000; ADELMAN, 2003). Não se observou manifestação de desejo das mães, no sentido de que os filhos estivessem tendo uma oportunidade no campo de trabalho do esporte. As representações focalizaram a importância da atividade física para as crianças. As motivações para a participação das crianças nas atividades da Vila perpassam questões ligadas ao sobrepeso, à hiperatividade e à saúde. Desta forma, não há, com base nos depoimentos das mães, expectativas de que seus filhos venham a ser futuros atletas.

Em ambos os grupos entrevistados, verificou-se que há uma incompatibilidade de horários na Vila. Ao serem perguntadas sobre sua ausência nas atividades propostas para mulheres pelos gestores, e por que não as realizavam, as mulheres disseram que os horários não “casavam” ou “devido ao horário”. Ficou evidente que não existe previsão de atividades para as mães compatíveis com os horários em que os filhos estão nos jogos, ensaios ou treinos.

Em relação à pacificação, há necessidade de mais investimento etnográfico, de novas idas ao campo de pesquisa para compreender quais sentidos estão sendo construídos pelos grupos de mulheres que esperam. Nesse primeiro contato,

verificou-se que as mulheres “de fora” estão frequentando a Vila em razão do processo de pacificação da comunidade. Para elas, ficou evidenciado que a ação da UPP foi determinante para que seus filhos estejam realizando atividades na Vila Olímpica Carlos Castilho.

Entretanto, o grupo das mulheres “de dentro” optou, no momento da entrevista, por falar pouco sobre o assunto; buscando mostrar que não havia problemas antes da pacificação. De certa forma, elas colocaram uma pá de cal na temática, não permitindo que o assunto ganhasse mais desdobramentos durante as entrevistas.

2.4.2 O Projeto Mulher: uma conquista das mulheres que esperam

Durante a construção do diário de campo, as mulheres apontaram o desejo de realizarem atividades que preenchessem o tempo enquanto os filhos desenvolviam as atividades esportivas. Quando perguntávamos sobre o porquê não se inscreviam nas atividades oferecidas pela Vila, muitas justificavam que os horários não coincidiam com aquilo que elas gostariam de fazer, mas demonstravam bastante entusiasmo por outras atividades ou oficinas que possibilitassem alguma formação e até mesmo alguma qualificação para geração de renda.

Com base nessas informações elaboramos o Projeto Mulher, previsto inicialmente para atender as mulheres que frequentam a Vila Olímpica Carlos Castilho. O projeto visa oferecer atividades relacionadas à saúde da mulher, cidadania, qualidade de vida, educação e geração de renda. Em parceria com a Instituição de Ensino Superior (IES) de maior presença na área, uma Organização Social e uma empresa da região, elaborou-se o projeto para as mulheres da Vila Olímpica Carlos Castilho.

Sob a responsabilidade da IES ficou a mobilização de alguns cursos para a realização das atividades com as mulheres. O curso de Nutrição organizou oficinas de qualidade de vida e alimentação saudável. O curso de Psicologia planejou atividades voltadas para autoestima das mulheres, por meio de atividades grupais e individuais. O curso de Serviço Social planejou oficinas sobre cidadania, o curso de Gastronomia realizou oficinas sobre o aproveitamento integral dos alimentos, o

curso de Estética e Cosmética desenvolveu oficinas com o foco na beleza, ensinando técnicas de cuidados com o corpo e de maquiagem, possibilitando a geração de renda. O curso de Biologia organizou a oficina “sabão ecológico”, que confecciona o sabão a partir da coleta do óleo de cozinha usado, além do desenvolvimento de palestras na área de educação ambiental. O projeto deslanchou, formou a primeira turma e agora se estende por outras vilas olímpicas da Cidade do Rio de Janeiro.

2.5 Considerações finais do Artigo 2

Todos nós sabemos o que é o tempo, desde que isto não nos seja perguntado, diria Santo Agostinho. No entanto, os grupos sociais identificam o que poderia ser nomeado como tempo qualitativo. Neste sentido recorreremos à imagem de *Kairos*, representando o tempo qualitativo, que difere do tempo que se mede, do calendário, do tempo de *Chronos*.

O tempo do cronômetro, que é contado, configura-se como um fluxo mensurável e homogêneo. Já o tempo qualitativo é aquele socialmente significado. O tempo qualitativo é indissociável do tempo quantitativo.

As mulheres que esperam se autorrepresentam, conseguem descrever e construir o seu mundo social, essas representações ocorrem num tempo: o tempo do representar social. É o tempo que deve ser instituído a fim de que o representar social seja possível, mas este tempo é indissociável do tempo do fazer social, tempo que também deve ser instituído a fim de que o fazer social seja possível, o tempo no e pelo qual esse fazer existe, o tempo que esse fazer faz existir.

2.6 Referências do Artigo 2

ALDEMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

CHAPANI, Daisi Teresinha; LUZ, Claudia Ferreira; FERREIRA, Juliana Santiago. Analisando uma proposta de extensão crítica. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 98-112, ago. 2012.

COSTA, Viviane. John Dewey na argumentação de autores católicos. **História da Educação**, Pelotas, n. 22, p. 121-153, maio/ago. 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: EDUnB, 2008.

HELLER, Monica. A análise do discurso interacional. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 31, p. 21-33, jan./jul. 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Senso Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. Acontecimentos públicos, acontecimentos privados. A estrutura visível dos acontecimentos na mídia. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 26, p. 9-18, 2012.

LEFEBVRE, Fernando; LEFEBVRE, Ana Maria Cavalcanti; MARQUES, Maria Cristina da Costa. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. **Revista Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1193-1204, 2009.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000.

OLIVEIRA, Samir Adamoglu; MONTENEGRO, Ludmila Meyer. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 129-145, mar. 2012.

PEREIRA, Wellington; MESQUITA, Tarcineide. A contribuição da etnometodologia para análise do colonismo social. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 46-64, jan./abr. 2012.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; VOTRE, Sebastião Josué. **Etnometodologias**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Pesquisa-ação em Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, v. 3, n. 1, p. 155-169, 2008.

3 ARTIGO C: ESTÉTICA, COMUNIDADE E ESPORTE: AS AÇÕES DA CUFA COM O BASQUETE DE RUA E O FUTEBOL

3.1 Introdução do Artigo C

A Central Única de Favelas (CUFA) tem se caracterizado como uma organização não-governamental, que tem no esporte um de seus elos mais fortes para a promoção da inclusão social.

Nos últimos anos, a CUFA desenvolveu inúmeras atividades esportivas. Entre elas, está o basquete de rua e mais recentemente o futebol.

Este estudo focaliza o basquete a partir de duas questões norteadoras. A primeira compreende os contextos sincrônico e histórico do basquete; a outra analisa os objetivos e ações que mobilizaram a CUFA, com atenção na fundação e sua trajetória, do *Street Basket* das Favelas, em 2005, à competição Taça das Favelas, em 2011, considerando o desenvolvimento do projeto em territórios pacificados e não pacificados.

3.2 Gênero, racismo e linguagem corporal

Apesar da grande aceitação do jogo, os homens não se adaptaram ao basquetebol no início. As alegações variavam da falta de agressividade, restrições ao uso da força e contato físico à delicadeza do gesto do arremesso para que a bola pudesse alcançar o alvo. Desta forma, as mulheres, que começaram a praticar o basquetebol desde que ele fora inventado, apresentavam-se como um grupo de praticantes em maior número do que os homens nos primeiros anos. O *The Standard Dictionary of English Language*, publicado em 1895, quatro anos após a invenção do jogo, afirma que o basquetebol é um jogo parecido com o futebol (rúgbi), no qual os gols são engradados de ferro, colocados nas duas extremidades de um ginásio e jogado por moças (DAIUTO, 1991).

As primeiras publicações sobre o basquetebol no Brasil também foram dedicadas exclusivamente às mulheres. A primeira delas, em 1905, consistiu de um amplo artigo de Carolina G. Smith, traduzida por Oscar Thompson e publicada na Revista do Ensino, órgão da Associação do Professorado Público. Impressa em 1911 pela editora Siqueira, Nagel & Cia. carregada de estereótipos, a publicação aduz que é o basquetebol para as mulheres o que é o futebol para os homens. Em certa altura, o texto diz que: “Enquanto joga, a mulher deve renunciar a seus nervos e vaidades, pois o jogo não permite tempo para a indulgência das fraquezas das mulheres” (DAIUTO, 1991, p. 154).

A segunda publicação é datada de 1915; trata-se do livro *Jogos Gymnasticos*, de autoria de Estevan Lange Adrien e José Campos Camargo. Os autores apresentam no livro o regulamento do basquetebol. Torna-se fundamental frisar aqui que o regulamento é inteiramente dirigido às mulheres. A seguir apresenta-se um excerto do livro.

É, sem dúvida alguma, este o jogo que se apresenta com foros de nobreza, pois ele é realmente o mais conhecido em todas as casas onde se cultiva o desenvolvimento psíquico. Reúne ele o útil ao agradável; de todos os jogos próprios para meninas, apresentamos é o basquetebol o que melhor combina os movimentos musculares e intelectuais. [...] Dado o sinal de início de jogo devem as jogadoras estar em seus lugares prontas para entrarem em ação. [...] No início da aprendizagem do jogo exija que as jogadoras não saiam de seus lugares excetuando-se os centros (ADRIEN; CAMARGO, 1915, p. 169-171).

O basquetebol se consolidou nos EUA e passou a fazer parte dos programas regulares de Educação Física das escolas e universidades. Quase simultaneamente, a difusão do jogo deu-se em grande parte do mundo. México, França, China, Inglaterra e Brasil foram os cinco primeiros países a serem introduzidos ao basquetebol.

A revisão de literatura indica que o Brasil foi o primeiro país da América do Sul a ser apresentado ao basquetebol e o quinto do mundo. Em 1896, o professor Auguste Shaw introduziu o basquetebol no Mackenzie College, uma escola americana, localizada na cidade de São Paulo. Os meninos deste colégio recusaram-se a jogar depois de terem visto fotos de mulheres praticando o novo jogo nos Estados Unidos (DAIUTO, 1991).

Assim, inicialmente, o basquetebol foi praticado pelas alunas do Mackenzie College. Mais tarde desenvolveu-se no Instituto de Educação Caetano de Campos – Escola Normal da Praça, para onde foi levado pelo professor Oscar Thompson, outro entusiasta do basquetebol. A seguir, o basquetebol passou a fazer parte dos programas de atividade física da Associação Cristã de Moços (ACM), que foi a principal instituição a difundir o jogo pelo país; nesta fase, bem aceito e já caracterizado como um esporte também masculino.

Em estudo realizado por Ellings e Knoppers (2005), a exclusão simbólica em relação a gênero e etnicidade foi detectada a partir de uma perspectiva crítico-social, desenvolvida em pesquisa com 1025 adolescentes. Para os autores, o esporte pode servir não somente como agente de integração entre os jovens, mas também para discriminar e diferenciar. Uma das constatações do estudo é que meninos excluem simbolicamente as meninas de esportes de ‘tradição masculina’ em suas culturas.

O basquetebol iniciou-se no Brasil por intermédio de instituições que se caracterizavam como pertencentes à elite. Os ideários higienista e eugenista estiveram presentes na introdução dos esportes no país, principalmente, como um *savoir faire*, um estilo de vida. Esta ambiência deu formas e estilos ao basquetebol que se desenvolveu aqui. A prática do esporte ficou restrita, inicialmente, aos membros das classes dominantes e ganhou uma estética própria. Nesse contexto, principalmente os negros se viram impossibilitados de praticar o basquetebol, pois, diferentemente do futebol, não havia espaços fora das associações, clubes e colégios da elite (SILVA; CORREIA, 2008).

Apesar de as concepções de não violência estarem presentes na concepção do basquetebol, os negros foram discriminados por mais de cinquenta anos nos EUA. Somente em 1950 o primeiro jogador negro pôde participar da liga profissional de basquetebol. Não obstante a violência contumaz a que foram submetidos, um movimento de resistência à opressão foi se desenvolvendo na comunidade negra norte-americana.

Um dos primeiros grandes times de basquetebol composto exclusivamente por jogadores negros foi o Renaissance Big Five, também conhecido como o Reyns de Nova York. Esta equipe surgiu em 1923 e viajava o país desafiando as equipes brancas. Foi uma história de sucesso inabalável. Apesar de sofrerem com o racismo que imperava naquela época – às vezes se viam obrigados a jogar mesmo sem alojamentos ou alimentação, pois lhes eram negados – o Reyns obteve mais de

duas mil vitórias, contra pouco mais de duzentas derrotas. Cada jogador recebia cerca de quinze dólares por jogo (RAYNAL, 1980).

Também está relacionado à cultura negra norte-americana um dos marcos decisivos na história do basquetebol. Surgida em 1927, a equipe do Harlem Globetrotters notabilizou-se por transformar a estética do jogo de basquetebol. Precusores da nova linguagem corporal, que o basquetebol veio a adotar no final do século XX, os Trotters incluíram elementos da cultura negra norte-americana, destacando-se as influências da espontaneidade, criatividade e improvisação do jazz. Transformaram o basquetebol em um verdadeiro espetáculo esportivo e teatral. A estética de seu jogo inclui malabarismos, esquetes teatrais, dança, jogo e improvisação.

Aos Trotters são creditados a difusão que o basquetebol teve pelo mundo e o aumento no número de adeptos. Tendo sido rejeitados inicialmente pela comunidade negra norte-americana por apresentarem um estereótipo racial em virtude de suas 'palhaçadas', os Harlem Globetrotters inspiraram uma legião de fãs por todo o mundo. Os jogadores de *playgrounds* incorporaram a linguagem corporal dos Harlem Globetrotters e criaram movimentos inimagináveis antes deles.

Assim, ao se pensar nos possíveis significados do basquetebol enquanto elemento da cultura corporal, torna-se fundamental ultrapassar concepções da iniciação esportiva que têm sido hegemônicas, refletindo a tradição elitista da origem do esporte no Brasil, introduzido nos colégios da elite, ACMs e clubes de classe média. Há um novo basquetebol a ser pensado e vivido, que incorpora os aspectos simbólicos que traduzem as relações da cultura jovem urbana brasileira com elementos de reprodução e, ao mesmo tempo, de desconstrução e de recriação de uma nova manifestação cultural, a partir da influência do movimento negro (SILVA; CORREIA, 2008).

3.3 Basquetebol e cultura *hip hop*

O *hip hop* vem sendo entendido como o conjunto de cinco formas artísticas distintas chamadas de elementos. Caracteriza-se por uma cultura híbrida, complexa

e em evolução. Consideradas como formas de arte, surgiram no ambiente urbano de Nova York entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970.

O basquetebol vem sendo considerado o quinto elemento do *hip hop*, juntando-se ao *rap*, às manobras do DJ, ao *break* e ao grafite. Conhecido como *streetball* ou basquete de rua, nome derivado de *streetbasketball*, surgiu nas quadras de cimento do Brooklyn e do Harlem. O *streetball* ou basquete de rua é jogado originalmente por duas equipes de três jogadores cada uma, utilizando-se apenas uma das cestas e meia quadra, embalado ao som do *rap*. As regras são simples e flexíveis, privilegiando-se a força, ousadia e improvisação. As variações ocorrem no número de jogadores, do um-contra-um até cinco-contra-cinco. Além dessa forma, existem competições de *freestyle*, em que o importante é o malabarismo com a bola. Há também competição de tiros livres e campeonatos de enterradas (PEÇANHA; SILVA, 2011).

O basquete de Rua no Brasil tem obtido mais visibilidade com a parceria entre a Liga Brasileira de Basquete de Rua (LIBBRA) e a Rede Globo. Além da LIBBRA, que tem na CUFA a instituição responsável por sua organização, outra instituição vem contribuindo para o desenvolvimento do basquete de Rua no Brasil: a Liga Urbana de Basquete (LUB). A LUB desenvolve vários núcleos de aprendizagem do basquete de rua em comunidades da periferia.

Embora com mais espaço nas notícias, as matérias veiculadas pela mídia prendem-se muito à lógica do basquetebol competitivo ou de rendimento. Os elementos da cultura *hip hop* acabam subsumidos à lógica comercial. Algumas críticas vêm sendo desferidas, denunciando a manipulação comercial dos elementos dessa cultura. O basquete de rua é fascinante, mas não é inocente; abarca uma série de tensões, tais como: inovação e conservadorismo, povo e classes dominantes, libertação e colonização. De certa maneira, a mídia tenta harmonizar essas contradições, entretanto, aspectos fundamentais desta manifestação da cultura popular são ignorados (SILVA; CORREIA, 2008).

3.4 Cufa: do basquete de rua ao futebol

A CUFA está presente em 27 estados e em alguns países da América Latina, do Norte e Europa, e tem se consolidado como uma das maiores organizações de jovens, oriundos das favelas. Segundo Athayde (2010) o trabalho realizado pela CUFA mobiliza de forma direta cerca de 80.000 (oitenta mil) pessoas/ano, entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, e as ações transformam-se em tecnologias sociais e educacionais, replicáveis e de fácil mobilização.

Com linguagem própria, a CUFA vem reafirmando seu discurso frente às discussões em torno das causas sociais, além de contribuir para a elaboração, implementação, execução e avaliação de políticas públicas, e entre os principais objetivos da instituição está o protagonismo das pessoas que estão à margem da sociedade, afirma Athayde.

Entre as atividades que mais se destacam na CUFA estão o Hutúz, o evento de maior expressividade da cultura *hip hop* já conhecido na América Latina e a LIBBRA, idealizada como parte do Festival Hutúz, no qual jovens improvisam jogadas de basquete com uma cesta de lixo. Para Athayde, o *hip hop*, o Basquete de Rua e o audiovisual, aliados a outras práticas artísticas e esportivas, tais como o *graffiti*, o *break* e o skate são as principais formas de expressão e servem como importantes ferramentas de integração, inclusão social e cultural.

O esporte, em especial o basquete de rua, tem sido utilizado pela CUFA como estratégia de desenvolvimento das comunidades onde atua. Segundo Athayde o esporte é uma importante ferramenta para inclusão social, articulação em rede, ressignificação do território e o fortalecimento da autoestima dos jovens das favelas. O esporte de participação cumpre função essencial no contexto das comunidades, em particular na vida dos jovens que dele participam, bem como na projeção de lideranças sociais que utilizam as suas habilidades para alterar o quadro de dificuldades que vivenciam, transformando-as em oportunidades e pontes de acesso ao mundo do asfalto.

A seleção Brasileira de Basquete de Rua da CUFA é formada por jovens oriundos de favelas e está baseada na formação por meio das escolas instaladas em vários estados. Para Athayde a ideia de formação em escolas justifica-se pelo fato de abrir oportunidades para os jovens a partir do centro de interesses nas práticas esportivas, oportunizando dialogar com uma série de oportunidades e portas de saída da invisibilidade e preconceitos impostos a eles e aos territórios onde residem.

Segundo Athayde (2008) o basquete de Rua da CUFA começou no Armazém cinco do Cais do Porto do Rio de Janeiro, que servia como quadra. A cesta era uma lata de lixo. Os atletas eram jovens que naquele momento disputavam um improvisado “racha de basquete” com uma bola similar à bola laranja utilizada no basquete tradicional. Em 2001, durante o *Hutúz Rap Festival*, surgiu o conceito do Basquete de Rua, que é uma variação entre *street ball* e o basquete convencional. Em 2002, a CUFA criou o primeiro campeonato nacional de Basquete de Rua, o Hutúz Basquete de Rua, que fora embalado por grupos importantes do *rap* nacional e internacional. Em 2003 houve um aumento expressivo de inscrições de jovens que queriam participar das equipes, o que provocou a criação de oficinas de basquete, livros de arbitragem e livros de regras específicas.

Em 2005 surge a Liga Internacional de Basquete de Rua (LIIBRA), circuito internacional envolvendo 27 estados da federação, com a participação de mais de 60 mil pessoas de várias idades e de ambos os sexos. Em consequência do resultado, a CUFA criou a Seletiva Estadual de Basquete de Rua (SEBAR), evento que reuniu equipes de várias cidades do estado e espalhou-se promovendo a massificação de um novo conceito de basquete. Essa relação entre o basquete e o *hip hop* consolidou-se enquanto movimento tipicamente urbano, tornando-se um elo entre o esporte, a cultura e o movimento social. Muito conhecido como “basquete arte”, marcado por jogadas geniais, divertidas e pelas diferenciadas dinâmicas de jogo, o Basquete de Rua apresentado pela LIIBRA não se prende às regras convencionais, cria suas próprias, ressalta Athayde.

Em 2010, em parceria com a Rede Globo, a CUFA realizou uma das maiores promoções nacionais das últimas décadas, onde foi escolhido o primeiro Harlem Globetrotter brasileiro.

Em 2011, em parceria com a Globo Rio, Nike, Ministério do Esporte, Ministério da Saúde, entre outros parceiros, a CUFA lançou a Taça das Favelas, uma competição de futebol de campo entre 80 seleções, (64 masculinas e 16 femininas) composta por moradores de favelas entre 15 e 17 anos. O evento tem o objetivo de promover a integração dessas comunidades por meio do esporte, e descobrir talentos para a prática, considerando que os grandes gênios do futebol mundial são oriundos desses territórios.

Para a CUFA, a integração desses espaços por meio do futebol, a paixão nacional e mundial, se torna de primordial importância para o envolvimento de toda a

sociedade nos eventos que o Brasil sediará nos próximos anos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Acredita que intervenções como estas proporcionam maior visibilidade desses territórios conhecidamente férteis para a revelação de novos talentos esportivos, assim como contribuem direta e indiretamente para o aumento da autoestima dos envolvidos.

Os organizadores ressaltam que o equilíbrio social só será possível quando os atores que sofrem o impacto dessas diferenças podem ser os protagonistas das mudanças, de maneira colaborativa. Apontam que o evento tem os seguintes objetivos:

- a) valorização do indivíduo por meio do esporte;
- b) valorização de territórios;
- c) estimular a cultura de paz;
- d) utilizar o esporte como canal para sensibilização de pessoas para pautas importantes das comunidades, buscando a conscientização, organização e mobilização social para melhoria da vida nas comunidades, valorização desses espaços e de seus cidadãos;
- e) promover campanhas nas comunidades que tornem os jovens mais conscientes de seus papéis, para com sua realidade e entorno;
- f) promover campanhas de saúde, comportamento e conscientização;
- g) o impacto das drogas, como crack, oxi e álcool; e
- h) otimizar o potencial dos parceiros para valorização e promoção do esporte e de jovens talentos esportivos das comunidades.

Cabe ressaltar que o contexto do evento envolveu comunidades que estão em processo de implantação de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) e comunidades que são controladas por grupos que representam o crime organizado.

Segundo a Secretaria de Segurança Pública, a implantação das UPPs e a pacificação das favelas têm como objetivos melhorar e garantir segurança e liberdade, e abrir novas oportunidades para milhares de cariocas, que no cotidiano vivem reféns da criminalidade. Depois de anos de violência nessas comunidades, o desafio do Governo é promover o desenvolvimento social, incentivar o exercício da cidadania ativa, derrubar fronteiras simbólicas e realizar a integração plena da cidade.

A UPP Social coordena esforços dos vários órgãos da Prefeitura e promove parcerias com os governos estadual e federal, o setor privado e a sociedade civil para produzir resultados melhores e mais eficientes, evitando o desperdício de recursos e a sobreposição de projetos. Para isso, conta com uma equipe de gestão que atua diretamente nos territórios pacificados, produzindo informações detalhadas sobre cada área de UPP, reconhecendo os que já atuavam no local antes da pacificação, fortalecendo as vias de diálogo entre moradores, lideranças e gestores públicos, mobilizando as instituições capazes de suprir as demandas de cada comunidade e apoiando a execução das ações previstas.

Considerando a realidade dos territórios dominados pelo crime organizado, nesse contexto, o evento Taça das Favelas reuniu comunidades que representam facções criminosas pertencentes a lados opostos, o que seria impossível na realidade desses territórios.

3.5 Conclusão do Artigo C

Este ensaio aponta para o caráter elitista do basquetebol, visto que no Brasil iniciou-se por intermédio de instituições que se caracterizavam como pertencentes à elite. Os ideários higienista e eugenista estiveram presentes na introdução dos esportes no país, principalmente, como um *savoir faire*, um estilo de vida. Nesse contexto o racismo é evidenciado quando principalmente os negros se viram impossibilitados de praticar o basquetebol, pois, diferentemente do futebol, não havia espaços fora das associações, clubes e colégios da elite. Destaca-se também a questão de gênero, pois os registros iniciais apontam para a não adaptação dos homens ao esporte, com alegação de falta de agressividade, restrições ao uso da força e contato físico à delicadeza do gesto do arremesso. As primeiras publicações sobre o basquetebol no Brasil indicam que foram dedicadas exclusivamente às mulheres. O estudo enfatiza a cultura *hip hop* no basquetebol, e a importância da CUFA, instituição nascida na periferia do Rio de Janeiro que tem no *hip hop* sua principal forma de expressão. Não obstante, em 2011 a CUFA lançou a Taça das Favelas, uma competição de futebol de campo entre 80 seleções, com jovens moradores das favelas do Rio de Janeiro com o objetivo de integrar esses jovens

por meio do esporte e descobrir talentos para a prática, considerando que os grandes gênios do futebol mundial vêm exatamente desses territórios. Novas reflexões devem ser efetivadas no sentido de verificar se a CUFA manterá suas atividades na área do basquete de rua ou investirá seus esforços no futebol.

3.6 Referências do Artigo C

ADRIEN, L. E.; CAMARGO, J. **Jogos Gymnasticos**. São Paulo: Sociedade Anonyma Casa Vanorden, 1915.

ATHAYDE, C. **Regras Oficiais da Liga Brasileira de Basquete de Rua**. Rio de Janeiro: CUFA, 2008.

DAIUTO, M. **Basquetebol**: origem e evolução. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

ELLING, A.; KNOPPERS, A. Sport, Gender and Ethnicity: Practices of Symbolic Inclusion/Exclusion. **Journal of Youth and Adolescence**, Norwell, v. 34, n. 3, p. 257-268, 2005.

PEÇANHA, M. B.; SILVA, C. A. F. A busca pelo insólito nas manobras do basquete de rua. **Lecturas, Educación Física y Deportes [Online]**, Buenos Aires, v. 16, n. 156, 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd156/a-busca-do-insolitodo-basquete-de-rua.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

RAYNAL, Jean. **La fabuleuse histoire du basket-ball**. Paris: Odil, 1980.

SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 107-122, set. 2008. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/194/201>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

4 ARTIGO D: JOVENS ADOLESCENTES ATLETAS NA TAÇA DAS FAVELAS: NO CAMINHO DA EMANCIPAÇÃO

4.1 Introdução do Artigo D

A mobilidade social por meio do esporte é tema polêmico, bastante discutido no Brasil, principalmente em relação aos atletas de futebol, pois existe um grande reforço por meio das mídias televisivas, impressas e pela internet, na crença de que a maioria dos atletas de futebol alcança patamares salariais bastante elevados em relação aos outros esportes, o que vem reforçar o imaginário popular em torno do tema.

Em nosso país, segundo Ciampa, Leme e Souza (2010, p. 30), a paixão pelo esporte e o convívio com a bola “[...] têm o poder de aproximar as pessoas, estimular o diálogo, a troca de experiências e informações”. Para os autores, no caso específico do futebol, muitos atletas iniciantes e amadores vislumbram pela carreira esportiva a possibilidade real de ascensão social, pois o esporte de preferência nacional é tido como meio propício, principalmente para as crianças mais pobres.

Estudos (DAMO, 2005; RODRIGUES, 2003, 2007) apontam que no Brasil o sonho de possibilidade de ascensão social por meio do esporte é impulsionado pela prática do futebol, o que na visão de Soares *et al.* (2011, p. 252) pode ser justificado pelo grande aporte midiático que recebe. Para o autor, esta ampla divulgação fomenta o surgimento de inúmeras escolinhas de futebol, que cada vez mais cedo levam as crianças – em geral, meninos de origem das camadas médias e populares – a almejem seu desenvolvimento técnico e tático, visando a uma oportunidade no mercado do futebol profissional.

Diante do exposto, considera-se de grande relevância compreender as representações sociais sobre a prática do futebol na competição Taça das Favelas, de jovens adolescentes que vivem em áreas de vulnerabilidade social no município do Rio de Janeiro.

[...] o futebol chegou ao Brasil por meio das elites. Tinha restrições de cor, de classe e, inicialmente, servia a um interesse dessas elites em produzir uma identidade que elas valorizavam [...]; com o tempo, passou a refletir mais a realidade brasileira – tanto seu caráter cultural e etnicamente mestiço, quanto o caráter desigual da distribuição da riqueza em nossa sociedade. (JACOBINA, 2012, p. 37-38).

No contexto da desigualdade social o tema emancipação social também se destaca. Na visão de Santos (2007, p. 17), “[...] a emancipação social é um conceito que tem se organizado por meio de uma tensão entre [...] uma sociedade com muitos problemas e a possibilidade de resolvê-los”. O autor adverte que a emancipação deve ser construída a partir de uma relação entre o respeito à igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença. Para Santos (2007), no contexto social há um sistema de exclusão, que se configura por meio de um domínio hierarquizado.

Nessa dimensão, o autor estabelece a relação entre desigualdade e exclusão. Santos (2007) explica que cada vez mais gente passa da desigualdade para a exclusão. Para o autor o sistema de desigualdade se configura na relação capital/trabalho, o que significa estar dentro. Sobre o sistema de exclusão, Santos (2007) ressalta que o que está fora não existe, é descartável, e dá como exemplo os jovens em milhares de guetos urbanos das grandes cidades.

Diante da teoria de Santos, que ressalta a tensão entre exclusão e desigualdade, acredita-se ser possível afirmar que a prática do esporte permite a emancipação de jovens adolescentes que vivem nas comunidades pobres do Rio de Janeiro. Acredita-se que esta desigualdade pode ser reduzida na medida em que estes jovens adolescentes são estimulados a práticas que os levem a vislumbrar uma nova realidade e novas possibilidades como agentes de transformação social. Essas práticas podem ser traduzidas por meio de vivências nas áreas socioesportiva, cultural e educacional.

Nessa dimensão, pensa-se que as experiências desses jovens adolescentes propiciam a emancipação, o que para Moscovici (2009) é um processo que deveria abrir perspectivas mais dinâmicas do que a advertência sobre as mazelas familiares de nosso mundo.

O esporte, em especial o futebol, que culturalmente é reconhecido como a grande paixão das multidões, tem uma função importante, a de possibilitar a

sonhada ascensão social, já conquistada por alguns ídolos do futebol que viviam em comunidades pobres.

Nesse percurso, em que crianças, adolescentes e seus familiares aguardam uma oportunidade, destacam-se as organizações sociais que desenvolvem projetos nas favelas, e que têm como principal foco a redução da desigualdade, por meio de projetos sociais em diversas áreas. Algumas organizações sociais são reconhecidas nacionalmente e até internacionalmente, como a Central Única das Favelas (CUFA), o Grupo Cultural Afroreggae e Nós do Morro, criadas por iniciativa de grupos jovens oriundos da favela. Nesse contexto, também se encontram instituições organizadas por ex-jogadores de futebol, como o Instituto Bola Pra Frente, criado pelos jogadores Jorginho e Bebeto, a Fundação Gol de Letra, criada pelos jogadores Raí e Leonardo, e a Fundação Cafu, criada pelo jogador Cafu. As iniciativas, tanto para as instituições criadas por jovens oriundos da favela, quanto para ex-jogadores de futebol, estão focadas em minimizar a desigualdade social.

Segundo Melo (2005), a partir da década de 80 a presença do esporte nos projetos sociais pode ser verificada com o aumento do oferecimento de atividades de esporte à população pobre. Segundo o autor, com o avanço da pobreza e maior visibilidade da violência urbana, credita-se ao esporte o papel de redentor da juventude pobre, visto que poderia controlar os impulsos violentos e promover uma sociabilidade civilizada.

Nogueira (2011) adverte que no contexto das políticas públicas para a juventude pobre, os projetos esportivos são utilizados como uma das estratégias de intervenção social.

Estudos apontam que a maioria dos projetos socioesportivos estão voltados para crianças e adolescentes moradores de áreas pobres, e têm como objetivo possibilitar o afastamento de situações de risco social (MELO, 2005, 2007; THOMASSIM, 2007). Há uma expectativa de que, por meio de vivências esportivas, crianças e adolescentes adquiram conteúdos simbólicos e comportamentos “úteis” para suas vidas, bem como vislumbrem novas perspectivas de vida (THOMASSIM, 2010).

Nesse sentido, verifica-se a existência de um contexto que incentiva jovens adolescentes moradores em áreas de vulnerabilidade social a buscarem no futebol uma forma de ascensão social, reforçada pelos discursos e práticas dos seus ídolos do futebol. Pode-se destacar o processo de emancipação de atletas oriundos de

comunidades pobres como a jogadora Marta e os jogadores Romário, Adriano, Ronaldo, Edmundo e Walter, jogador do Goiás, que vem ganhando destaque na mídia pela sua história de vida.

Diante dos projetos sociais que incentivam a participação de jovens adolescentes em ações socioesportivas com o objetivo de afastá-los do contexto de exclusão, diferentes questões deveriam ser levantadas. Neste estudo, os desafios que provocam, na perspectiva de projetos sociais para jovens adolescentes, estão relacionados ao projeto Taça das Favelas, uma competição de futebol promovida pela CUFA, que envolve a participação de jovens adolescentes, moradores das favelas do Rio de Janeiro. Questiona-se como ocorreu a escolha pelo futebol, e quais foram as influências do local? O que esperavam do futebol? Além do futebol, quais os interesses em outro esporte? Quais eram as referências profissionais da comunidade? O que significou participar da Taça das Favelas?

O objetivo deste estudo foi identificar o conteúdo das representações sociais (RS) acerca da participação de jovens adolescentes na Taça das Favelas sob a ótica dos próprios jovens adolescentes.

A partir da compreensão das representações sociais dos jovens adolescentes participantes da Taça das Favelas, formulam-se estratégias de emancipação para crianças e adolescentes envolvidos em atividades físicodesportivas.

4.2 Orientação metodológica

A Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici foi utilizada na fundamentação da abordagem qualitativa, a qual, segundo Minayo (2003, p. 108), se manifesta em palavras, sentimentos e condutas e se institucionaliza, portanto podem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e comportamentos sociais. Segundo Moscovici (2003, p. 11), ancorado nos argumentos de Durkheim e de Wittgenstein, as representações sociais são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas. Para Moscovici, é somente dessa maneira que os homens se tornam racionais. Os sujeitos do estudo foram jovens adolescentes que participaram da Taça das Favelas, cuja seleção definiu como um critério de inclusão ser morador de alguma favela do Rio de Janeiro. Tal realidade atribui a este

adolescente maior aproximação no que se relaciona à experiência no contexto. Elaboramos um roteiro de entrevista, do tipo semiestruturada. Os pressupostos foram referenciados tomando como base que a validade das respostas dos sujeitos está na compreensão de que estes refletem e interpretam o contexto em que vivem. As questões que nortearam o roteiro da entrevista foram as seguintes:

- a) como ocorreu a escolha pelo futebol;
- b) o que esperavam do futebol;
- c) além do futebol, tinham interesse em outro esporte; e
- d) o que significou participar da Taça das Favelas.

O roteiro foi utilizado na realização do grupo focal, o qual, segundo Votre, Alves e Melillo (2010, p. 13), prevê identificar informantes de elite, entrevistar estes informantes e produzir uma síntese interpretativa de suas falas, em frases simples, indicativas e afirmativas. O grupo focal foi realizado com 11 (onze) jogadores.

Contamos também com as orientações da etnografia de Magnani (2002) para a elaboração do diário de campo, que reuniu informações sobre o evento de encerramento dos jogos, e sobre a entrega de medalhas às equipes vencedoras do torneio, que aconteceu no Palácio Guanabara e que foram entregues pelo Governador Sérgio Cabral.

As repostas foram analisadas e interpretadas a partir da referência da análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem, e com base nas considerações de Moscovici (2009), para quem tudo se ordena na representação social a partir de um nó figurativo que, de algum modo, condensa todas as imagens, todas as noções ou os julgamentos que um grupo ou uma sociedade gera ao longo do tempo; e de Fairclough (2010), com foco na análise crítica de discurso, que incluem representações de como as coisas são e têm sido, bem como imaginários, entendidos como representações de como as coisas seriam, deveriam ou poderiam ser.

4.3 A Taça das Favelas

Segundo Cruz (2011), ao longo de décadas, vários projetos socioesportivos foram desenvolvidos por inúmeras instituições sociais, sejam elas do setor público,

privado ou do terceiro setor. Por meio desses projetos, os organizadores visam contemplar a população, seja criança, jovem ou idoso, com atividades que promovam melhor qualidade da saúde, desenvolvimento pessoal e social.

Há evidências de que políticas públicas com o foco em jovens adolescentes moradores em comunidades pobres são concentradas em ações socioesportivas, e justificadas como uma das principais formas de intervenção para o afastamento dos jovens de atividades ligadas à criminalidade. Para Viana e Lovisolo (2009), os argumentos para a realização desses projetos se justificam em torno da crença de que as ações socioesportivas podem minimizar os efeitos negativos de as crianças estarem nas ruas.

Novaes (2006, p. 106) ressalta que entre os jovens brasileiros de hoje, a desigualdade mais evidente remete à classe social. Segundo a autora, para a maioria da juventude brasileira que vive nas grandes cidades, há um critério de diferenciação: o endereço, que abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. Para a autora, certos endereços carregam o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia – chamadas de favelas.

Nesse percurso, em que se contempla o oferecimento de atividades socioesportivas para crianças e adolescentes que vivem em áreas de vulnerabilidade social, destaca-se a Taça das Favelas, lançada em 2011 pela CUFA, uma competição de futebol entre 80 seleções, composta por jovens adolescentes moradores de favelas entre 15 e 17 anos.

Segundo a CUFA ([2011]), o objetivo do evento foi promover uma integração entre as comunidades pacificadas e não pacificadas por meio do esporte, e descobrir talentos, visto que os grandes gênios do futebol mundial são oriundos desses territórios.

A Taça das Favelas foi lançada em outubro de 2011 e a final aconteceu em fevereiro de 2012. Segundo a CUFA ([2011]), após o período de inscrição das comunidades, o passo seguinte foi a organização das peneiras. Esse evento aconteceu dentro das comunidades, e conforme o regulamento, foi organizado pelo líder local com o objetivo de escolher o time da favela. Conforme dados da CUFA, 24.000 jovens participaram das peneiras nas 80 favelas inscritas. Também de acordo com a entidade, para a realização do evento houve a participação de instituições patrocinadoras, a saber: Globo Rio, Nike, Ministério do Esporte, Ministério da Saúde, e o Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

Entre os parceiros destaca-se a UNISUAM, que participou do planejamento do evento junto com a CUFA. A função do Centro Universitário foi de mobilizar estudantes para serem voluntários durante toda a programação da Taça das Favelas. Além do voluntariado, a UNISUAM concedeu bolsas integrais de estudo para os atletas que se destacaram durante a competição, os artilheiros e goleiros, nas categorias feminina e masculina.

4.4 A etnografia no campo de pesquisa

Segundo Dalmolin, Lopes e Vasconcellos (2002), a etnografia permite ao pesquisador abrir-se para novas possibilidades de conhecimento do objeto de pesquisa, como também pode conduzir a procedimentos diversificados e mais abrangentes antes não pensados. Para o autor, a etnografia trata-se de um exercício para sair do circuito cotidiano que pode limitar e não permitir compreender a trajetória do outro.

Com base na etnografia de Magnani (2002) desenvolveram-se diários de campo durante o estudo, com o objetivo de nos aproximarmos para melhor compreendermos o cotidiano do grupo pesquisado. Cabe ressaltar que a etnografia, por meio da realização dos diários de campo, contribuiu significativamente para a análise das representações dos jovens adolescentes sobre a Taça das Favelas.

Nessa dimensão, durante o estudo realizou-se a etnografia, por meio da elaboração do diário de campo em dois eventos que envolveram os jovens adolescentes, sujeitos da pesquisa. O primeiro diário foi realizado durante o jogo de encerramento da Taça das Favelas e o segundo diário de campo foi durante a cerimônia de entrega das medalhas pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, para as equipes vencedoras da Taça das Favelas.

4.4.1 Primeiro diário de campo, realizado no encerramento da Taça das Favelas, sábado, 11 de fevereiro de 2012

O Encerramento da Taça das Favelas aconteceu numa arena organizada no interior de uma favela não pacificada em Padre Miguel. Ao redor do campo se montaram arquibancadas de tubos, para as torcidas. Um espaço especial, com ar-condicionado, recebe o grupo VIP, de promotores e dirigentes e organizadores do evento. Banheiros privativos e gente uniformizada garantem a privacidade desse grupo.

Ao redor do campo, as pessoas vendem produtos típicos de festas: cachorros-quentes, churrasquinhos, salsichões, refrigerantes, cervejas e outras bebidas, além de sorvete e picolé.

Muitos homens e rapazes sem camisa, muitas crianças e muita gente mais idosa caminha ao redor da quadra, que é completamente fechada.

As pessoas são negras, mulatas, pardas ou muito morenas. Tanto os transeuntes quanto os grupos que garantem a segurança no local.

O espaço interno e externo exhibe os patrocinadores: Central Única das Favelas, UNISUAM, governo federal, estadual e municipal, rádio Globo, SporTV, Beat 98, Gillette, Petrobras, Nike e outras que não registrei.

Serviço médico, equipes de limpeza da Comlurb, pessoal da guarda municipal, um espaço de tranquilidade e limpeza.

Suporte de instituições universitárias, como UNISUAM e UFF, além da CUFA. As entidades distribuem leques e folders com seus programas e produtos. Algumas entidades distribuem camisetas, o que atrai filas de pessoas, que saem dali divulgando rádios e outras entidades.

O espaço do CREIB, um clube recreativo de Padre Miguel, combina com os conjuntos habitacionais, múltiplos, dos anos 1960. Na praça, pranchas de exercício, típicas daquela época, além de estruturas de metal para crianças subirem e muitas gangorras.

Campo de 100m x 50m, plano, mas com muita areia para corrigir as irregularidades. Proteção com muro e tela, com pequeno espaço para escape da bola. Times masculinos da Rocinha e do Jacarezinho, jogadores uniformizados, com chuteiras e com cabelos cortados. Percebe-se o significado do evento para aqueles

jovens adolescentes por meio das reações de preocupação em se apresentarem bem no jogo e não decepcionarem a torcida, e também pelo cuidado com a apresentação pessoal.

Jogo civilizado, comandado por árbitro e bandeirinhas negras, como a maioria absoluta dos jogadores.

Terminado o jogo masculino, com vitória do time da Rocinha, os patrocinadores entram no campo, premiam os melhores jogadores, goleiros e outros protagonistas. Muitos são os brindes, muito forte a sugestão de se fazer uma segunda Taça das Favelas no próximo ano. Muita convicção de que tudo deu certo. Nega Gizza comanda as falas e MV Bill prestigia os atletas e os patrocinadores. Os discursos enfatizam a integração, a conquista da união, o papel salutar do esporte, a melhoria da saúde pela participação.

Resolvi fazer um giro pelo espaço externo do jogo, caminhando e parando a cada momento, com o diário de campo nas mãos. Notei que algumas mulheres jovens me seguiam e parei, como para verificar produtos numa loja de cachorro quente. Uma delas se aproximou e disse: "vejo que o senhor é um olheiro. Quero que preste atenção no meu filho, Mike Alexandre. Ele é muito bom". A segunda, um pouco mais madura, falou: "queria que visse o meu neto, é fininho, mas joga muito, ano que vem o senhor vai ver, ele vai participar".

O ambiente da festa é de cooperação, de voluntários envolvidos em projetos de esporte responsável. As torcidas eram masculinas, vibrantes, educadas, com poucos palavrões.

A incursão no campo nos revelou que para os organizadores do evento o maior resultado foi o comportamento da torcida, pois como a final foi entre favelas com facções rivais, temia-se que ocorressem brigas, o que não aconteceu. Esse temor podia ser verificado pela quantidade significativa de camburões de polícia estacionados ao redor da arena, mas ao contrário do que se esperava, o clima foi de muita alegria. Entre os organizadores a percepção era de dever cumprido, o objetivo de integrar as favelas foi alcançado.

Percebemos nos jogadores a satisfação da experiência do protagonismo proporcionado pelo evento, que inclusive foi veiculado durante a programação da Globo no Globo Esporte. Alguns receberam destaque como melhores da competição, sendo premiados. Além do prêmio das medalhas, a UNISUAM,

universidade parceira, concedeu para todos os atletas premiados na Taça das Favelas bolsa integral de estudo.

4.4.2 Segundo diário de campo, realizado na entrega de medalhas pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, para as equipes vencedoras da Taça das Favelas em 2012

No dia 16 de fevereiro de 2012, o governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, recebeu no Palácio Guanabara as equipes finalistas do torneio Taça das Favelas. As equipes femininas e masculinas que ficaram em primeiro e em segundo lugar foram convidadas para o evento junto com os respectivos treinadores, e alguns patrocinadores da Taça. O apresentador do evento foi o jornalista da Rede Globo Escobar, que bastante emocionado relatou a experiência de ter acompanhado as etapas da Taça das Favelas e o que ouviu dos atletas e familiares.

Durante o cerimonial foram entregues medalhas pelas autoridades presentes, e por sugestão do Sr. Mauricio, Diretor da Rede Globo, cada equipe deveria falar o seu “grito de guerra”. Percebi que os pequenos textos elaborados como grito de guerra legitimavam a força da comunidade, “a Rocinha é o poder”! E a relação com o poder divino para a conquista, como: “Tudo posso naquele que me fortalece”!

Durante o cerimonial, o termo integração, cidadania e a pacificação das favelas foi parte de todos os discursos das autoridades. O primeiro a falar foi o representante da CUFA, MV Bill, que destacou a importância da integração entre as comunidades, o que seria muito difícil de acontecer até bem pouco tempo atrás, comentou que seria impossível reunir Vigário Geral no mesmo espaço do Jacarezinho. O Secretário de Saúde do Estado, Sérgio Côrtes, explicou a importância da campanha dos 10 minutos contra Dengue, que aconteceu em todas as comunidades envolvidas com a Taça das Favelas durante as peneiras, e que muito ajudou a Secretaria de Saúde, visto que o Estado está empreendendo inúmeras ações no combate à Dengue. O Vice- Governador, Luiz Fernando Pezão, comentou sobre a importância do processo de pacificação no contexto da Taça das Favelas, e divulgou que na área do Jacarezinho, no espaço que era da fábrica

CCPL, será construído um conjunto habitacional para ser entregue à comunidade, até o final de 2012.

O governador Sérgio Cabral ressaltou que a Taça das Favelas terá em suas próximas edições todo o apoio do governo, destacou a importância da pacificação das comunidades no contexto das favelas, e sobre o excelente trabalho da CUFA e de outras instituições como o Afroreggae têm transformado as vidas de muitos jovens que vivem nas favelas do Rio de Janeiro.

Durante o evento, constatamos o trabalho articulado da CUFA com o Governo do Estado. Por meio das falas das autoridades presentes e principalmente do Governador, verificamos que a Taça das Favelas ganhou relevância no cenário de eventos esportivos para comunidades pobres, principalmente pelo processo de pacificação das comunidades, e pelo patrocínio da Rede Globo.

4.4.3 Representações no discurso dos jovens adolescentes da Taça das Favelas

Novaes (2006, p. 116), ao abordar o tema “jovem da periferia”, diz que na década de 90 a formulação “juventude não como problema, mas como parte da solução” teve o importante papel de afastar preconceitos e valorizar uma certa perspectiva da participação juvenil, e que hoje há uma necessidade de pensar de maneira articulada tanto os “problemas quanto as soluções”. Para a autora, a participação juvenil é uma das novidades do momento atual, é a presença dos “jovens da periferia” na cena pública.

Os fragmentos de fala que incluímos neste trabalho ilustram as representações sociais de jovens adolescentes da periferia do Rio de Janeiro, sobre como ocorreu a escolha pelo futebol, o que esperavam do futebol, além do futebol outros esportes de interesse, e o que representou participar da Taça das Favelas.

Para Moscovici (2003), no mundo dos grupos e das relações entre pessoas e grupos, tudo é explicado em função de interações, de estruturas, e de trocas.

Quanto aos depoimentos sobre a escolha pelo futebol, os informantes destacaram a relação com projetos sociais oferecidos na comunidade “[...] através de projeto, a gente começou a jogar bola mesmo através de projeto de comunidades, até surgir essa oportunidade de a gente jogar na Taça das Favelas”.

O desenvolvimento de projetos sociais para crianças e adolescentes pode ser verificado por meio das ações de instituições sociais que atuam nas comunidades. Vianna e Lovisolo (2009) advertem que o reconhecimento do esporte como canal de socialização positiva ou inclusão social é revelado pelo crescente número de projetos esportivos destinados aos jovens das classes populares, financiados por instituições governamentais e privadas.

O estímulo da profissionalização esportiva de jovens adolescentes como a solução para questões sociais é comum nas comunidades pobres. Os familiares e lideranças locais incentivam os jovens porque, segundo Melo (2005), aquele que se destacar servirá de exemplo para outros. Esta questão pode ser verificada quando perguntados sobre as influências que receberam para jogar futebol, disseram: “[...] nossos pais e da comunidade”. “[...] do povo da comunidade”.

No fragmento desse discurso, identificamos o que Fairclough (2010, p. 229) denominou de inculcar, que significa fazer com que as pessoas assumam discursos, posicionando-se dentro deles, agindo, pensando e falando. Para Fairclough, os discursos são dialeticamente inculcados não apenas como estilos (modos de usar a linguagem), mas também se materializam nos corpos, posturas, gestos e movimentos. Com base no discurso dos jovens, infere-se que as influências dos pais e da comunidade levam os jovens a “inculcarem” o desejo de jogar futebol.

Quando perguntados sobre o que esperavam do futebol, os entrevistados disseram “[...] ter um futuro melhor”. “[...] seguir uma carreira num clube, dar uma coisa melhor pra nossa família, sair daqui, acho que todo mundo que deseja ser jogador procura algo melhor pra sua família”. “[...] ajudar nossa comunidade”.

As narrativas dos jovens adolescentes sobre o que esperavam do futebol indicam modelos sociais construídos culturalmente no contexto das favelas. A relação do futebol com a possibilidade de mudar de vida e alcançar a ascensão social é preponderante, mas há um compromisso com o seu território “[...] ajudar nossa comunidade”. Elas atribuem valor ao poder das representações pelas quais são movidos com racionalidade, tanto individualmente quanto coletivamente, como coloca Moscovici (2003, p. 12), “[...] as representações sociais são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas”.

As representações sobre o que esperavam do futebol focalizaram a determinação e a crença dos jovens adolescentes sobre onde poderiam chegar “[...] na seleção brasileira”. “[...] no mínimo, no mínimo... no máximo ser o melhor do

mundo mesmo, tô falando a verdade... Seleção, algum clube de elite do futebol, tá representando nossa comunidade”. Estes depoimentos retratam o empoderamento e a posição desses jovens para superar qualquer obstáculo, a partir da crença que podem vencer e representar a comunidade, podem ser “exemplo”. Em síntese, pode-se afirmar como Fairclough (2010, p. 226) “[...] que os discursos são representações distintas da vida social derivadas das posições assumidas. Atores sociais posicionados de modos diversos a ‘veem’ e representam de maneiras diferentes, em discursos plurais”.

Em relação às convicções quanto à escolha do futebol como primeiro esporte, os jovens adolescentes demonstram segurança. Segundo as narrativas dos jogadores sobre interesses em outros esportes, explicam: “[...] Já fiz luta, já fiz caratê, muay thai, mas também parei, nunca quis ir pra frente, não, quis ir só pro futebol”. “[...] Só o futebol mesmo”.

O fragmento deste discurso nos leva a concordar com Moscovici (2003) quando afirma que as representações sociais são produzidas para permitir uma maior adaptação de um determinado grupo a uma realidade que se impõe. Nossa interpretação é que a realidade desses jovens impõe uma escolha que representa algo que pertence ao grupo. No caso do futebol, os jovens projetam suas carreiras com base nos exemplos dos seus ídolos que saíram da favela.

As narrativas sobre o que significou participar da Taça das Favelas denotam o poder controlador das representações sociais, como esclarece Moscovici (2007, p. 36):

[...] as representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado.

As falas dos jogadores reforçam a crença de que a chance de mudar a realidade de suas vidas está no campo, esperam ser reconhecidos por algum “olheiro” e por isso devem jogar com perfeição. As representações dos jovens adolescentes sobre a participação na Taça das Favelas indicam expectativas pelo reconhecimento profissional, quando relatam: “[...] muitas equipes buscando a mesma coisa”.

[...] ninguém quer entrar pra perder, todo mundo entra pra ganhar, todo mundo que entra vai dar o sangue, querendo ganhar, e isso também dificulta mais ainda, só de você entrar em campo sabendo que tem olheiro, que tem lá na frente uma coisa melhor, você vai querer lutar até o fim, é por isso que dificulta muito também.

Para os jogadores vencer o jogo é condição para que haja reconhecimento dos seus talentos, em suas narrativas justificam: “[...] é um querendo passar por cima do outro, é cada um, é sua equipe é unido, de fora, quer bater, tem que ganhar, tem que vencer”. Esta fala nos remete ao pensamento de Moscovici (2003, p. 12) que diz: “[...] Não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito. O papel das representações partilhadas é o de assegurar que sua coexistência é possível”. Nesse sentido, acreditamos que a determinação dos jovens é direcionada por um sistema que os impulsiona a brigar por uma oportunidade.

Pode-se afirmar que a participação de jovens adolescentes em uma competição de grande expressão, como foi a Taça das Favelas, que mobilizou não só os familiares, mas a comunidade, instituições patrocinadoras, pública e privada e a mídia, possibilitou para esses jovens novos olhares e perspectivas, sobretudo em relação ao presente para transformar o futuro.

Há evidências de que a realidade de alguns jovens, em especial, aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social, é transformada por meio de iniciativas que oferecem experiências mobilizadoras. Acredita-se que estas experiências mobilizadoras agem de forma emancipadora, despertando nessas crianças e adolescentes olhares para caminhos emancipadores.

4.5 Considerações finais do Artigo D

Neste trabalho, ilustramos o que representam os projetos sociais, em especial na área socioesportiva, no contexto das favelas. Identificamos que há um elenco de instituições sociais que tem como foco minimizar as desigualdades sociais vivenciadas nessas áreas, e utilizam como meio para intervenção social o desenvolvimento de projetos para crianças, adolescentes e jovens que vivem em

vulnerabilidade social. Verifica-se como esses jovens adolescentes interagem com o mundo social e como utilizam sua energias para superarem as dificuldades que os cercam.

Constatou-se que para os jovens adolescentes o futebol é a grande paixão, e a conquista da carreira profissional é o grande sonho de muitas crianças e adolescentes que moram em comunidades pobres, como também de sua famílias que veem nos filhos a oportunidade para ultrapassarem a desigualdade social. Verificamos como a participação na Taça das Favelas mobilizou a comunidade, que por meio dos seus jovens, orgulhosamente foi representada. Essa comunidade pode ser vista na torcida que de forma impecável reverenciou os seus jovens.

Pode-se concluir que os jovens adolescentes que participaram da Taça das Favelas estão focalizados na carreira profissional por meio do futebol como uma maneira de alcançar a ascensão social. Mas não se pode negar, entretanto, a força e o empoderamento com que esses jovens lidam com o contexto em que estão inseridos, e que buscam bravamente caminhos emancipadores.

4.6 Referências do Artigo D

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

CIAMPA, A. C.; LEME, C. G.; SOUZA, R. F. Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil. **Revista Diversitas**, Bogotá, v. 6, n. 1, p. 27-36, 2010.

CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS. **Dez anos fazendo do nosso jeito**. Rio de Janeiro: Daijo Gráfica e Editora, [2011].

CRUZ, L. **Esporte e mobilidade social**: estudo a partir do centro de excelência do basquetebol/Paraná Basquete. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

DALMOLIN, B. M.; LOPES, S. M. B.; VASCONCELLOS, M. P. C. A construção metodológica do campo: etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 19-34, 2002.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia a do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,

2005.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 225-234, maio/ago. 2010.

JACOBINA, A. T. Futebol: o esporte bretão que se abrigou. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, Mariana, v. 9, n. 1, p. 23-39, abr. 2012. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em: 27 nov. 2013.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MELO, M. P. **Esporte e juventude pobre: a Vila Olímpica da Maré e as políticas de lazer**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. Esporte social futebol clube: contradições e dilemas em nosso tempo. **Democracia viva**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 54-58, jun. 2007. Edição especial.

MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 07-16.

_____. Os ciganos entre perseguição e emancipação. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009.

NOGUEIRA, Q. W. C. Esporte, desigualdade, juventude e participação. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 103-117, jan./mar. 2011.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 105-120.

RODRIGUES, F. X. F. **Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 345 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SOARES, A. J. G. *et al.* Jovens esportistas no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun. 2011.

THOMASSIM, L. E. C. Conflitos em torno do lazer: o sentido das práticas de responsabilidade social na contramão dos direitos sociais. In: SILVA, M. R. (Org.). **Esporte, educação, estado e sociedade**. Chapecó: Argos, 2007. p. 257-281.

_____. **O “público-alvo” nos bastidores da política**: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 2010. 296 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

VIANA, J. A.; LOVISOLO, H. R. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre avaliação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3 p. 145-162, jul./set. 2009.

VOTRE, S. J.; ALVES, A. P.; MELILLO, C. E. Abordagem radical das representações sociais. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 11-18, ago. 2010

CONCLUSÃO GERAL

Este estudo concluiu que há evidências emancipadoras por meio das práticas de projetos sociais realizados em comunidades vulneráveis, e que há uma rede de intervenção social que atua nesses locais com o objetivo de minimizar as desigualdades sociais. Nessa rede participam ONGs, o Governo, empresas e a universidade.

Vale salientar a presença da universidade nesta rede, que por meio da extensão universitária focaliza o desenvolvimento de ações de intervenção social nas comunidades a partir do diálogo com os atores locais. Neste contexto, o estudo sobre a extensão universitária como uma proposta emancipadora nos revelou que ela pode propiciar experiências libertadoras para aqueles que participam dos projetos.

Sob esta perspectiva, o estudo Mulheres que Esperam, desenvolvido na Vila Olímpica do Alemão, no auge do processo de pacificação da comunidade, nos indicou pistas acerca de como o diálogo é importante para que identifiquemos as necessidades do grupo na implantação de um projeto social. A ação de perceber a realidade daquelas mulheres oportunizou compreender que as representações sobre o tempo de espera delas não tinha relação com a expectativa de realizar atividades físicas, e sim com atividades que pudessem gerar novas aprendizagens. Assim, o Projeto Mulher foi elaborado a partir do desejo daquelas mulheres em construir um espaço social, um espaço de emancipação.

Nessa dimensão, à medida que a tese evoluiu, percebemos a importância de compreendermos o contexto das organizações sociais que atuam nas comunidades em vulnerabilidade social, e assim nasceu Estética, Comunidade e Esporte: As Ações da Central Única das Favelas (CUFA) com o Basquete de Rua e o Futebol.

Identificamos a CUFA, instituição nascida na periferia do Rio de Janeiro com o foco no desenvolvimento de projetos para a favela, que tinha no *hip hop* sua principal forma de expressão, e, no entanto, em 2011 lançou um projeto Taça das Favelas na área do futebol, com grandes repercussões na mídia.

O estudo nos apontou que a CUFA utiliza estratégias para transformar as atividades esportivas e culturais em oportunidades e pontes de acesso ao mundo do asfalto, e que o lançamento do projeto Taça das Favelas foi o início de uma nova

ação da entidade com o foco no futebol, e que novas reflexões deveriam ser efetivadas para verificar se a Central Única manterá suas atividades na área do basquete de rua ou investirá seus esforços no futebol.

O Projeto Taça das Favelas nos apontou um cenário significativo para identificar o que representava para os atletas da comunidade participar do evento. Nesse contexto, desenvolvemos o estudo: Jovens Adolescentes Atletas na Taça das Favelas: no Caminho da Emancipação.

O estudo nos revelou a paixão dos jovens adolescentes pelo futebol, e que veem o esporte como uma oportunidade para a conquista da carreira profissional.

Os relatos dos jovens evidenciaram que o projeto propiciou novos olhares sobre a vida, e possibilidades para superação das dificuldades que a realidade lhes impõe. Identificamos um sentimento de orgulho por estarem representando a favela, e que naquele momento, eles eram os grandes protagonistas.

Os estudos apresentados sinalizam que há um campo fértil nas comunidades em vulnerabilidade social para o desenvolvimento de ações e projetos que possam contribuir para a transformação da realidade local, e que a universidade, por meio das atividades de extensão universitária, pode proporcionar espaços emancipadores nessas comunidades.

REFERÊNCIAS

ADRIEN, L. E.; CAMARGO, J. **Jogos Gymnasticos**. São Paulo: Sociedade Anonyma Casa Vanorden, 1915.

ALDEMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

ALMEIDA, Luciane Pinho de; SAMPAIO, Jorge Hamilton. Extensão universitária: aprendizagens para transformações necessárias no mundo da vida. **Revista Diálogos: construção conceitual de extensão e outras reflexões significativas**, Brasília, DF, v. 14, n. 1, p. 33-41, dez. 2010.

ATHAYDE, C. **Regras Oficiais da Liga Brasileira de Basquete de Rua**. Rio de Janeiro: CUFA, 2008.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BRASIL. Decreto nº 10.951, de 11 de abril de 1931. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr. 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

_____. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 15 abr. 2004. p. 3. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm>. Acesso em: 02 dez. 2013.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 24. , 2004, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPED, 2004. p. 01-16. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t1111.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

CHAPANI, Daisi Teresinha; LUZ, Claudia Ferreira; FERREIRA, Juliana Santiago. Analisando uma proposta de extensão crítica. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 98-112, ago. 2012.

CIAMPA, A. C.; LEME, C. G.; SOUZA, R. F. Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil. **Revista Diversitas**, Bogotá, v. 6, n. 1, p. 27-36, 2010.

CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS. **Dez anos fazendo do nosso jeito**. Rio de Janeiro: Daijo Gráfica e Editora, [2011].

CENTRO UNIVERSITÁRIO AUGUSTO MOTTA. Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão. **Relatório de Projetos de Pesquisa e Extensão 2010**. Rio de Janeiro: SUAM, 2011.

_____. **Relatório de Projetos de Pesquisa e Extensão 2011**. Rio de Janeiro: SUAM, 2012.

_____. **Relatório de Projetos de Pesquisa e Extensão 2012**. Rio de Janeiro: SUAM, 2013.

COSTA, Viviane. John Dewey na argumentação de autores católicos. **História da Educação**, Pelotas, n. 22, p. 121-153, maio/ago. 2007.

CRUZ, L. **Esporte e mobilidade social**: estudo a partir do centro de excelência do basquetebol/Paraná Basquete. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

DAIUTO, M. **Basquetebol**: origem e evolução. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

DALMOLIN, B. M.; LOPES, S. M. B.; VASCONCELLOS, M. P. C. A construção metodológica do campo: etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 19-34, 2002.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia a do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ELLING, A.; KNOPPERS, A. Sport, Gender and Ethnicity: Practices of Symbolic Inclusion/Exclusion. **Journal of Youth and Adolescence**, Norwell, v. 34, n. 3, p. 257-268, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: EDUnB, 2008.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 225-234, maio/ago. 2010.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo UNESP, 2001. (Série Paulo Freire).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa . 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus: FORPROEXP, 2012.

HELLER, Monica. A análise do discurso interacional. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 31, p. 21-33, jan./jul. 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Senso Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. Acontecimentos públicos, acontecimentos privados. A estrutura visível dos acontecimentos na mídia. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 26, p. 9-18, 2012.

LEFEBVRE, Fernando; LEFEBVRE, Ana Maria Cavalcanti; MARQUES, Maria Cristina da Costa. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. **Revista Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1193-1204, 2009.

JACOBINA, A. T. Futebol: o esporte bretão que se abrasileirou. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, Mariana, v. 9, n. 1, p. 23-39, abr. 2012. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em: 27 nov. 2013.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010

MELO, M. P. **Esporte e juventude pobre: a Vila Olímpica da Maré e as políticas de lazer**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. Esporte social futebol clube: contradições e dilemas em nosso tempo. **Democracia viva**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 54-58, jun. 2007. Edição especial.

MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 07-16.

_____. Os ciganos entre perseguição e emancipação. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009.

MOTTA NETTO, A. M. et al. (Org.). **Plano de desenvolvimento institucional: 2013-2016**. 2. ed. Rio de Janeiro: SUAM, 2013.

MOTTA NETTO, Arapuan et al. (Org.). **Relatório Social UNISUAM 2010**. Rio de Janeiro: SUAM, 2011.

MOTTA NETTO, Arapuan et al. (Org.). **Relatório Social UNISUAM 2011**. Rio de Janeiro: SUAM, 2012.

MOTTA NETTO, Arapuan et al. (Org.). **Relatório Social UNISUAM 2012**. Rio de Janeiro: SUAM, 2013.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000.

NOGUEIRA, Q. W. C. Esporte, desigualdade, juventude e participação. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 103-117, jan./mar. 2011.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 105-120.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, Samir Adamoglu; MONTENEGRO, Ludmila Meyer. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 129-145, mar. 2012.

PAULA, João Antônio de. Extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces: Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 41, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

PEÇANHA, M. B.; SILVA, C. A. F. A busca pelo insólito nas manobras do basquete de rua. **Lecturas, Educación Física y Deportes [Online]**, Buenos Aires, v. 16, n. 156, 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd156/a-busca-do-insolitodo-basquete-de-rua.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

PEREIRA, Wellington; MESQUITA, Tarcineide. A contribuição da etnometodologia para análise do colunismo social. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 46-64, jan./abr. 2012.

RAYNAL, Jean. **La fabuleuse histoire du basket-ball**. Paris: Odil, 1980.

RIBEIRO, R. M. C. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**, Brasília, DF, v. 15, n. 1, p. 81-88, jul. 2011.

ROCHA, Leliane Aparecida Castro. **Projetos interdisciplinaridades de extensão universitária: ações transformadoras**. 2007. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação, Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, 2007.

RODRIGUES, F. X. F. **Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 345 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo. Cortez, 2006.

_____. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2006.

_____. **O fórum social mundial: manual de uso**. São Paulo. Cortez, 2005.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo. Cortez, 2000.

SANTOS, Marcos Pereira dos Santos. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica do docente e discente no século XXI: um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 10-15, 2010.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009

SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espetáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 107-122, set. 2008. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/194/201>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

SILVA, Carmen Luiza da; TABORDA, Ana Margarida de Leão; SOUZA, Maria Antonia de. Universidade voltada aos processos de emancipação: a construção do ensino em relação com a extensão e a pesquisa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 11., 2011, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: IGLU, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/26120/5.14.pdf?sequence=>>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; VOTRE, Sebastião Josué. **Etnometodologias**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2012.

SOARES, A. J. G. *et al.* Jovens esportistas no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun. 2011.

SOUSA, Ana Luiza Lima; FARIA, Dóris Santos de (Org.). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

THOMASSIM, L. E. C. Conflitos em torno do lazer: o sentido das práticas de responsabilidade social na contramão dos direitos sociais. In: SILVA, M. R. (Org.). **Esporte, educação, estado e sociedade**. Chapecó: Argos, 2007. p. 257-281.

_____. **O “público-alvo” nos bastidores da política**: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 2010. 296 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Pesquisa-ação em Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Carlos, v. 3, n. 1, p. 155-169, 2008.

VIANA, J. A.; LOVISOLO, H. R. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre avaliação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3 p. 145-162, jul./set. 2009.

VOTRE, S. J.; ALVES, A. P.; MELILLO, C. E. Abordagem radical das representações sociais. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 11-18, ago. 2010

APÊNDICE A – Termo de assentimento livre e esclarecido utilizado no artigo do capítulo 4

Senhor Responsável,

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação voluntária de seu filho(a) na Pesquisa de doutorado intitulada: “Jovens adolescentes que jogam futebol na taça das favelas: relações entre lazer, desempenho e carreira profissional”.

O estudo em questão analisará as razões, motivações, os sentidos e significados que levam jovens adolescentes a buscarem no futebol uma carreira profissional com referência no projeto social Taça das Favelas, lançado pela Central Única das Favelas - CUFA, em 2011.

O presente termo garante ao seu filho(a) os seguintes direitos: (1) SIGILO ABSOLUTO SOBRE SEU NOME (1) solicitar, a qualquer momento, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes; (3) possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

Os dados serão coletados através de uma entrevista que será gravada. Estes dados, depois de transcritos e analisados serão escritos em artigos e publicados posteriormente, sem nenhuma identificação dos participantes.

Uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o Pesquisador responsável e outra com o entrevistado.

NOME: CLAUDIA DE FREITAS LOPES COSTA
ENDEREÇO: RUA GUSTAVO CORCAO, 305
E-MAIL: CLAUDIACOSTA@UNISUAM.EDU.BR TELEFONE: 98302- 8070

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 201 _____ .

Claudia de Freitas Lopes Costa	Informante
---------------------------------------	-------------------

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os atletas da taça das favelas, utilizado no artigo do capítulo 4

1. Como ocorreu a escolha pelo futebol?
2. Onde pretende chegar como jogador (a) de futebol?
3. Além do futebol, você tem interesse por outro esporte?
4. Como avalia a competição Taça das Favelas?

APÊNDICE C – Roteiro diário de campo utilizado no artigo do capítulo 4

Temas:

Condições do local

Relacionamento entre os membros da equipe

Participação no treinamento

Obediência dos atletas às orientações dos superiores

Dedicação à preparação técnico-tática

Atuação dos responsáveis nos treinos e nas competições

Impacto da torcida no desempenho dos atletas

Imprevistos e fatos singulares nas competições

ANEXO A – Transcrição da entrevista utilizada no artigo do capítulo 4**Entrevista Grupo Focal:**

Entrevistador: Bom, vamos lá. Idade e até que série você estudou?

Competidor: 16 anos, 1^o ano

Competidor: 15 anos, cursei até o 9^o

Competidor: 15 anos, 1^o ano

Competidor: 16 anos, 1^o ano

Competidor: 16 anos, 1^o ano

Competidor: 15 anos, 1^o ano

Competidor: 15 anos, 6^a série

Competidor: 14 anos, 8^a serie

Competidor: 15 anos, 9^o ano

Competidor: 15 anos, 9^o ano

Competidor: 14 anos, 8^o ano

Entrevistadora: Como é que foi a entrada de vocês no futebol, e assim, se vocês receberam incentivo de alguém? Como que vocês poderiam dizer, como foi a entrada de vocês?

Entrevistador: Como aconteceu a sua entrada no futebol?

Competidor: Através de projeto, a gente começou a jogar bola mesmo através de projeto de comunidades, até surgir essa oportunidade de a gente jogar na Taça das Favelas

Entrevistador: Recebeu algum incentivo de alguém?

Competidor: Do povo da comunidade

Entrevistador: Da comunidade?

Competidor: nossos pais ou da comunidade

Entrevistadora: Alguém mais quer falar?

Entrevistador: Vocês tem alguma experiência ou tiveram alguma experiência em alguma outra modalidade esportiva?

Competidor: Eu já fiz natação na Mangueira, fazia natação e futebol, mas eu parei... mas nunca foi assim de disputar competição não, só treino mesmo

Entrevistadora: Ninguém mais participa de esporte? Jogou alguma coisa?

Competidor: Já fiz luta, Já fiz caratê, muay thai, mas também parei, nunca quis ir pra frente, não, quis ir só pro futebol

Entrevistadora: Ninguém mais participou de alguma coisa? Pode falar, gente...

Entrevistador 2: Assim, pode ficar à vontade, porque a única coisa que tá diferente aqui, que a gente tá querendo gravar, a única coisa de diferente, entendeu, literalmente à vontade, não se acanhe de querer falar, normal, normal mesmo, tá?

Entrevistadora: E aí vocês tiveram aqui algum atleta que fez algum sucesso, algum atleta que teve uma carreira de futebol?

Competidor: Marco Antônio

Competidor: Amarildo, Marco Antônio

Entrevistadora: Eles moravam aqui? E por que vocês praticam futebol?

Competidor: Porque eu gosto

Entrevistadora: Você gosta mesmo?

Entrevistadora: E você? Mais alguma coisa? Gosta mesmo?

Competidor: Todo mundo gosta

Entrevistadora: E vocês?

Competidor: Porque é a carreira que eu desejei seguir

Entrevistadora: Deseja ser jogador de futebol?

Entrevistadora: Sim? E você?

Competidor: Porque eu gosto.

Entrevistadora: Está aqui porque você gosta.

Entrevistadora: E como atleta, o que vocês esperam do futebol?

Competidor: Ter um futuro melhor

Entrevistador: Como?

Competidor: Por exemplo, seguir uma carreira num clube, dar uma coisa melhor pra nossa família, sair daqui, acho que todo mundo que deseja ser jogador procura algo melhor pra sua família

Entrevistadora: Todos vocês têm esse sonho?

Competidor: sim, claro, ajudar nossa comunidade

Entrevistadora: E aí, onde vocês pretendem chegar? Chegar num sonho na carreira, vocês pretendem chegar mais aonde no futebol?

Competidor: Seleção brasileira

Competidor: Que isso...

Competidor: no mínimo, no mínimo, no máximo melhor do mundo mesmo, tô falando a verdade...

Competidor: Seleção, algum clube de elite do futebol, tá representando nossa comunidade

Entrevistadora: E vocês participam de algum time, de alguma outra equipe?

Competidor: Eu treino no Bonsucesso

Entrevistadora: Só você, mais alguém participa...

Competidor: Tô no projeto do Jairzinho mesmo, que.... botando no bolso

Entrevistadora: Tá, então, o time de vocês, só ele, mais alguém aqui joga no time da comunidade? Todo mundo aqui joga em outro time? Da comunidade? Então só ele participa no Bonsucesso...

Entrevistadora: Vocês treinam regularmente? Treinam todo dia?

Competidor: Aqui no campo da Marinha, na Av. Brasil

Competidor: Aeronáutica

Competidor: No CPOR, na Av. Brasil

Entrevistadora: Quais são os dias, assim, e os horários?

Competidor: Segunda a sexta, de...

Competidor: Segunda, quarta e sexta.

Competidor: Sexta lá, terça e quinta aqui

Competidor: 8h, de 8 às 11, meio dia

Competidor: Terça e quinta é 8h, não 9, e segunda, quarta e sexta, acho que é 7h30, 8h

Entrevistadora: Segunda, quarta e sexta é onde?

Competidor: Na Aeronáutica

Competidor: CPOR

Entrevistadora: Terça e quinta?

Competidor: É aqui na comunidade

Entrevistadora: Na comunidade, no projeto, né?

Competidor: Isso

Entrevistadora: Além do futebol, vocês têm interesse em outro esporte? Gostam de outro esporte, curtem outro esporte sem ser o futebol?

Competidor: Só o futebol mesmo

Entrevistadora: Só o futebol mesmo é interessante? E como vocês avaliam a competição da Taça das Favelas?

Competidor: Muito boa

Competidor: Extremamente dificuldade, apesar de ser 80 favelas

Entrevistador: Por que dificuldade?

Competidor: Porque muitas equipes buscando a mesma coisa

Competidor: Cada um está em busca do seu sonho

Entrevistadora: Sim, e aí como você avalia essa competição?

Competidor: É um querendo passar por cima do outro, é cada um, é sua equipe é unido, de fora, quer bater, tem que ganhar, tem que vencer...

Competidor: Ninguém quer entrar pra perder, todo mundo entra pra ganhar, todo mundo que entra vai dar o sangue, querendo ganhar, e isso também dificulta mais ainda, só de você entrar em campo sabendo que tem olheiro, que tem lá na frente uma coisa melhor, você vai querer lutar até o fim, é por isso que dificulta muito também.

ETNOGRAFIA

Encerramento da Taça das Favelas. Sábado, 11 de fevereiro de 2012.

Pude constatar que o CREIB foi preparado para o campeonato, com eventos cada fim de semana. Ao redor do campo se montaram arquibancadas de tubos, para as torcidas. Um espaço especial, com ar-condicionado, recebe o grupo VIP, de promotores e dirigentes. Banheiros privativos e gente uniformizada garantem a privacidade desse grupo.

Ao redor do campo, as pessoas vendem produtos típicos de festas: cachorros-quentes, churrasquinhos, salsichões, refrigerantes, cervejas e outras bebidas, além de sorvete e picolé.

Muitos homens e rapazes sem camisa, muitas crianças e muita gente mais idosa caminha ao redor da quadra, que é completamente fechada.

As pessoas são negras, mulatas, pardas ou muito morenas. Tanto os transeuntes quanto os grupos que garantem a segurança no local.

O espaço interno e externo exhibe os patrocinadores: Central Única das Favelas, UNISUAM, governo federal, estadual e municipal, rádio Globo, Sportv, Beat 98, Gillette, Petrobras, Nike e outras que não registrei.

Serviço médico, equipes de limpeza da Comlurb, pessoal da guarda municipal, um espaço de tranquilidade e limpeza.

Suporte de instituições universitárias, como UNISUAM e UFF, além da CUFA. As entidades distribuem leques e folders com seus programas e produtos. Algumas entidades distribuem camisetas, o que atrai filas de pessoas, que saem dali divulgando rádios e outras entidades.

O espaço do CREIB combina com os conjuntos habitacionais, múltiplos, dos anos 1960. Na praça, pranchas de exercício, típicas daquela época, além de estruturas de metal para crianças subirem e muitas gangorras.

Campo de 100m x 50m, plano, mas com muita areia para corrigir as irregularidades. Proteção com muro e tela, com pequeno espaço para escape da bola. Times masculinos da Rocinha e do Jacarezinho, jogadores uniformizados, com chuteiras e com cabelos cortados.

Jogo civilizado, comandado por árbitro e bandeirinhas negros, como a maioria absoluta dos jogadores.

Terminado o jogo masculino, com vitória do time da Rocinha, os patrocinadores entram no campo, premiam os melhores jogadores, goleiros e outros protagonistas. Muitos são os brindes, muito forte a sugestão de se fazer uma segunda Taça das Favelas no próximo ano. Muita convicção de que tudo deu certo. Nega Gizza comanda as falas e MV Bill prestigia os atletas e os patrocinadores. Os discursos enfatizam a integração, a conquista da união, o papel salutar do esporte, a melhoria da saúde pela participação.

Resolvi fazer um giro pelo espaço externo do jogo, caminhando e parando a cada momento, com o diário de campo nas mãos. Notei que algumas mulheres jovens me

seguiam e parei, como para verificar produtos numa loja de cachorro quente. Uma delas se aproximou e disse: vejo que o senhor é um olheiro. Quero que preste atenção para meu filho, Mike Alexandre. Ele é muito bom, joga aqui no CREIB, com o Luciano, o senhor sabe como o Luciano é. A segunda, um pouco mais madura, falou: queria que visse o meu neto, é fininho, mas joga muito, ano que vem o senhor vai ver, ele vai participar.

O ambiente da festa é de cooperação, de voluntários envolvidos em projetos de esporte responsável. As torcidas eram masculinas, vibrantes, educadas, com poucos palavrões.

ETNOGRAFIA

Entrega de medalhas pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral para as equipes vencedoras da Taça das Favelas em 2012.

No dia 16 de fevereiro de 2012, o governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, recebeu no Palácio Guanabara as equipes finalistas do torneio Taça das Favelas. As equipes femininas e masculinas que ficaram em primeiro e em segundo lugar foram convidadas para o evento junto com os respectivos treinadores, e alguns patrocinadores da Taça. O apresentador do evento foi o jornalista da Rede Globo Escobar, que bastante emocionado relatou a experiência de ter acompanhado as etapas da Taça das Favelas e o que ouviu dos atletas e familiares.

Durante o cerimonial foram entregues medalhas pelas autoridades presentes, e por sugestão do Sr. Mauricio, Diretor da Rede Globo, cada equipe deveria falar o seu “grito de guerra”. Percebi que os pequenos textos elaborados como grito de guerra legitimavam a força da comunidade, “a Rocinha é o poder”! E a relação com o poder divino para a conquista, como: “Tudo posso naquele que me fortalece”! Durante o cerimonial, o termo integração, cidadania e a pacificação das favelas foi parte de todos os discursos das autoridades. O primeiro a falar foi o representante da CUFA, o MV Bill, que destacou a importância da integração entre as comunidades, o que seria muito difícil de acontecer até bem pouco tempo atrás, comentou que seria impossível reunir Vigário Geral no mesmo espaço do

Jacarezinho. O Secretário de Saúde do Estado, Sérgio Côrtes, explicou a importância da campanha dos 10 minutos contra Dengue, que aconteceu em todas as comunidades envolvidas com a Taça das Favelas durante as peneiras, e que muito ajudou a Secretaria de Saúde, visto que o Estado está empreendendo inúmeras ações no combate à Dengue. O Vice- Governador, Luiz Fernando Pezão, comentou sobre a importância do processo de pacificação no contexto da Taça das Favelas, e divulgou que na área do Jacarezinho, no espaço que era da fábrica CCPL, será construído um conjunto habitacional para ser entregue à comunidade, até o final de 2012.

O governador Sérgio Cabral ressaltou que a Taça das Favelas terá em suas próximas edições todo o apoio do governo, destacou a importância da pacificação das comunidades no contexto das favelas, e sobre o excelente trabalho da CUFA e outras instituições como o AfroReggae têm transformado as vidas de muitos jovens que vivem nas favelas do Estado.